

Espirito negativista ou das lamentações...

Não faltam amigos solícitos que nos apontem as mil deficiências da Situação: — fraca combatividade da imprensa, morosidade na organização da União Nacional, protelamento da resolução de grandes problemas nacionais, afastamento das esferas governamentais de elementos novos e activos, etc. Segundo eles, o muito que se tem feito nestes seis anos é nada comparado com o que está por fazer e já se devia ter feito. A imprensa repisa e mastiga as ideias do sr. Presidente do Ministério e de aí não passa; os Ministérios acendem lamparinas onde havia necessidade de atear o fogo; o Ministério das Gracias e Justiça, as formas e das grandes reformas e da organização política e administrativa arrasta-se sem solução, presa ao balão captivo dos princípios gerais, numa orientação vistosa que não se concretiza em factos; o problema corporativo é uma coisa em que se fala e ninguém sabe o que é. E assim por diante, tudo são defeitos, tibezas, morosidades, incompetência, falta de visão política, até acabar na apoteose do inevitável programa salvador que se resume em ter «fé dinâmica, energia dinâmica, contacto dinâmico com as massas, agitação dinâmica, etc.»

Como sempre sucede com quem não nasceu fadado para santo milagreiro, ouço e calo-me. Não é de boa prudência contrariar os desabafos desta espécie de iluminados.

Mas será realmente «nada» quanto se tem realizado desde 1926 até hoje? Fala-se insistentemente nos objectivos do Movimento de 28 de Maio e nas razões que determinaram a arrancada heroica do Exército, desde Braga até Lisboa, sob o comando prestigioso de Gomes da Costa. A história autentica dos acontecimentos e, em especial da conspiração que os preparou, está ainda por fazer. Não é isso, porém, o que mais importa recordar neste momento. Basta que fixemos isto: os proprios partidos, inclusivamente o que estava no Poder, contribuíram para a revolução, embora no proposito, não confessado, de cada um, no final, chamar a si o triunfo e, á sombra dele, esmagar de vez os adversarios. As contas saíram-lhe erradas, porque contra eles operou o general *Imprevisto*: a repugnancia instintiva do Exército por toda a politica partidaria que vinha de trás. O Movimento triunfante pronunciou-se abertamente contra os partidos, sendo fortemente apoiado nisso pela opinião publica e o aplauso unanime da

Nação cansada de ser vitima indefesa das desordens permanentes da governação publica.

O Movimento, gerado e nascido na confusão das lutas politicas, foi, na sua primeira fase, apenas reacção espontanea contra o *statu quo ante*. Não trazia, de inicio, outro programa. Tudo esperou da inteligencia e competencia dos homens que colocou no Governo. Dissolvido o parlamento, afastados os partidos da actividade politica, estabelecida a ordem nas ruas, confiadas as administrações locais a comissões apolíticas, a Ditadura a pouco e pouco vê rasgarem-se horizontes mais amplos á sua actuação e entra decididamente pelo caminho das reformas fundamentais da governação publica. O problema mais grave, aquele em que, então, se fixava a atenção de toda a gente, era o financeiro. Por ele se principiou. Os resultados do que se fez desde 1928 até agora, estão á vista. Ninguém, dotado de bom-senso e boa-fé, os nega.

Havia quem pensasse que se podia ficar por aqui, dando por terminada a missão da Ditadura, e confiando-se a defesa da obra realizada a um partido conservador que passaria a controlar no palco da vida politica portuguesa com um ou alguns partidos da esquerda. Esta ideia peregrina ainda ocupa a imaginação e os sonhos bizarros de alguns chefes na disponibilidade. Que não era por este bécio de *torna-atrás* que se deveria enveredar, mostra-o a experiencia e a reflexão a todos quantos estejam dispostos a pôr acima das suas vaidades e ambições pessoais, o interesse da Nação.

De resto, o problema financeiro nunca se poderá considerar completamente resolvido, nem os outros grandes problemas nacionais, de que aquele é a base necessaria, estão fóra da missão reformadora da Ditadura. Esta tem, hoje, um programa conhecido e já largamente divulgado. Está no Acto Colonial, no projecto da Constituição e nos Estatutos da União Nacional. Há quatro anos que vem sendo cumprido na medida das possibilidades financeiras, economicas, politicas, sociais e morais do País. Pouco se tem avançado? Mas esse pouco, dentro do caos nacional, é já um trabalho de Hercules. Os que tudo proclamam facil, sabem e a todas as horas repetem que somos um povo atrasado na agricultura, na industria, no commercio e na cultura especializada, com a agravante de estar im-

(Segue na 2.ª página)

As festas do Fim do Ano na Madeira

A Ilha em fogo

Ultimo dia do ano—dia culminante na Madeira! Ha uma expectativa geral cada vez mais forte, cada vez mais intensa.

Do terraço do «Reid's», debruçado sobre a imensidade do mar azul, em frente do largo panorama do Funchal, vejo acenderem-se, uma a uma, as luzes da cidade. Arabescos de ouro desenham-se, a pouco e pouco, nas encostas.

O «Berengaria» e o «Voltaire», sobre a grande toalha aveludada da agua, refulgem tambem, erguendo as suas bruscas aparições na sombra. Inumeros barcos giram á volta dos dois gigantes como insectos. Uma atmosfera suave, de primavera—a primavera permanente da Madeira—enche de misteriosa inverosimilhança esta noite bizarra de trinta e um de Dezembro.

E' a hora do jantar, no «Reid's». Os ingleses aparecem quasi todos em costumes de fantasia. Duas morenas esguias, frageis, de olhos meridionais, que desmentem os fatais conjuntos alorados dos retratos de Lawrence e de Gainsborough, escolheram o trajo classico da *vilão* madeirense—e dançam o mais americanos dos tangos, baloiçando de leve as suas cabeças infantis.

Ha um velho humorista que obteve uma perfeita semelhança com o celebre Grock (o famoso *clown* britanico) e que executa, entre palmas entusiasticas, os seus bailados caricaturais. Somos todos condecorados com flores de prata que, nas casacas escuras, desabrocham inesperadamente. E sempre, ao fundo, através das janclas, emoldurada nos quadrados brancos, a obsessão do Funchal distante, cada vez mais luminoso, estendendo pelas colinas a sua magnificencia festiva...

São 11 horas. Vêm-me buscar de automovel e conduzem-me á lancha que nos irá levar a bordo do «Berengaria». As ondas alteiam-se, de encontro ao cais da Pontinha, trazendo fosforescencias nas suas cristas de espuma. Singramos rapidamente, num ritmo de tempestade, através das aguas fundas da baía. A' medida que nos afastamos, desenvolve-se melhor, em frente, o presepio incandescente da cidade, agora mais iluminada ainda, desenhada a pontos de ouro.

No «Berengaria» faz-se musica e dança-se tambem. Uma nova colecção de inglesas desfila pelos salões movimentados—nos seus solenes vestuários de baile. A uma das mesas, o governador civil do Funchal conversa com alguns officiais e com o representante do *Times* nas Festas do fim do Ano—e avisa que se aproxima a meia noite. Vou para o «Deck», procuro uma janela e fico a olhar, deslumbrado, a feérica paisagem nocturna.

E' impossivel dar uma ideia do espectáculo, prodigioso. Todo o Funchal é um enxame de luzes. O incendio vai desde as lampadas alinhadas, regulares, da margem, que se refletem no espelho glauco das aguas—até lá cima, ao portico difuso do Terreiro da Luta, junto ao qual a Senhora da Paz, avultando na neblina, é uma benção protegendo a Terra. A meio duma encosta, a serpente agitada da Quinta da Boa-Vista enrola e desenrola, incessantemente, os seus aneis fulgurantes.

O hospital de marinheiros surge em um alto, semelhante a um palacio lendario—e julga-se que o seu contorno vai desfazer-se no ar.

No castelo do Pico, levantam-se quatro nuvens enormes, a vermelho-sangue:

1932. E' a ultima homenagem ao ano que morre, ao ano que tem a mais linda agonia do Mundo.

Já, á minha volta, uma tromba espessa acorre, clama e espera. Os mil e tantos habitantes do «Berengaria» quasi não cabem no imenso convés. Sobem ao convés superior, alguns chegam mesmo a pendurar-se nos mastros hirtos da proa...

Vai passar o minuto solene. Diante (Segue na 2.ª página)

ACTUALIDADES GRAFICAS



Após ser descerrado o monumento erigido «ao povo e aos heróis da Guerra Peninsular», o Chefe do Estado, Presidente do Ministério e ministros do Governo da Ditadura Nacional prestam-lhe a sua homenagem

UMA ENTREVISTA

O sr. Cunha Leal falou...

Junqueiro publicára, havia pouco tempo, *A Velhice do Padre Eterno*; respondeu-lhe Sena Freitas, que era um sacerdote ilustre e ilustrado, apontando os erros do panfleto demolidor. Conta este que, dias depois, encontrou o poeta, ao cair da tarde, numa livraria do Chiado, enterrado numa poltrona, cofiando a sua longa barba tolstoiiana; reconheceu-o e, pedindo ao livreiro um exemplar do seu opusculo, Sena Freitas escreveu a dedicatória ao poeta, que terminava por dizer: — «Guerra ás ideias e paz aos homens».

Invocamos sinceramente o conceito ao encetarmos a análise, que não será longa, da entrevista do sr. Cunha Leal, inserta no *Diário de Lisboa*, ha pouco saído do prelo. O conhecido homem publico, segundo a confissão do jornalista, fala-nos do periodo *avant-guerre* (passe o francesismo), o primeiro traço do seu panorama mundial. E declara, sem arrebatamentos:

«Dantes era facil governar: O progresso fazia-se lentamente e os acontecimentos eram raros e ordenados. Os homens tinham tempo de os resolver, porque o ritmo deles era lento, direi mesmo previsto. Não deflagravam, inesperadamente, como depois...»

Se isto diz respeito ao panorama mundial e, reflexamente, ao panorama nacional, ninguém que conheça um pouco de historia pôde dizer, com verdade, que era facil o governo das nações, que o progresso se fazia lentamente e os acontecimentos eram raros e ordenados. Em tempo nenhum, foi facil o governo dos povos, para os estadistas conscientes das suas responsabilidades. Examinando a vida da Europa, de ha mais de cem anos a esta parte, verifica-se que nem o progresso se fazia lentamente nem os acontecimentos eram raros e ordenados. As guerras e as revoluções, umas maiores e mais violentas do que outras, mancham de sangue todo este largo periodo; e o progresso, material e moral, caminhou de tal maneira veloz, que vilas, cidades e nações; indivíduos, classes e povos, por todos os continentes, erguem as maravilhas do engenho e afirmam uma consciencia forte e nova.

Não abrimos o catalogo comprovativo desta asserção, porque ele está na mente de qualquer pessoa medianamente instruida. De resto, a propria conflagração mundial é o testemunho mais eloquente, para quem lhe conheça as origens aparentes e ocultas.

E depois? O sr. Cunha Leal fala-nos do periodo febril da guerra de 14-18. Toda essa parte do seu trabalho, que ocupa duas colunas bem puxadas do *Diário*, não encerra um só ponto de vista original nem nos dá uma unica novidade. São aspectos e detalhes mil vezes descritos e repetidos, nos artigos e revistas que chegam de todo o mundo á nossa Biblioteca Nacional. Quem quiser procure na lista as revistas estrangeiras que se occupam das questões politicas, economicas e sociais; tem nelas a materia exposta pelo sr. Cunha Leal, em varias linguas e por varios estudiosos. E se consultar *La Science et la Vie*, aprenderá o leitor a conhecer como são debéis as considerações tecnicas do ilustre homem publico.

Conta o jornalista que o seu entrevistado dissera, numa confissão activa:

«—A inteligencia do homem não pode ser imutavel perante os acontecimentos que hoje, de certa maneira, no campo economico, valem mais do que as doutrinas. Tenho um absoluto desprezo — afirma — por quem pensa agora o mesmo que pensava ha trinta anos, sem se dar conta dos problemas que surgem a cada instante, modificando os valores espirituais e reais

LÊR

Na 3.ª pagina: A posse da comissão distrital da União Nacional, em Coimbra.

Na pagina central: A inauguração do monumento da Guerra Peninsular.

ACTUALIDADES GRAFICAS



Um aspecto do fogo de artificio na noite de S. Silvestre, na ilha da Madeira

(Foto Perestrelo)

Espirito negativista ou das lamentações...

(Continuação da 1.ª página)
 buído dum individualismo viciado e retrogrado. Para operar com rapidez, falta a matéria-prima indispensável, uma mentalidade política e social anti-individualista. Muitos dos que julgamos possuí-la, a cada passo a negam com o seu negativismo e a sua indisciplina, de puro espirito século XIX. Remar contra a maré ou remar além da maré, é habito antigo, vicio de psicologia indigena que talvez se explique pela larga convivência que tivemos, durante séculos, com a casta dos fiéis á tradição do Muro das Lamentações. Outros verão aí, por um lado, a hereditariiedade do Velho do Restelo, e, por outro, a do Magriço ou Cavaleiro da Triste Figura.

P. R.

Governador civil de Ponta Delgada

Chegou ontem a Lisboa, a bordo do paquete «Carvalho Araujo», o sr. dr. Jaime do Couto, illustre governador civil de Ponta Delgada que vem tratar de assuntos do maior interesse para o seu distrito.

Melhoramentos nas Colonias

A comissão de melhoramentos de Alornugão pediu autorização para gastar cem mil rupias com a rede de esgotos na cidade de Vasco da Gama.

da humanidade. Parado, enquanto tudo avança? Não.

Já aqui temos a primeira confissão implicita de que, antes da guerra, não era facil governar, nem o progresso se fazia lentamente e os acontecimentos eram raros e ordenados. Mas, o melhor não é a contradição, é a confusão. Vitor Hugo disse o mesmo que o sr. Cunha Leal, ha muitas dezenas de anos, quasi pelas mesmas palavras e até com o mesmo proposito. De modo que a gente fica sem saber quem se copia, resolvendo concluir, visto estarmos com a mão na massa, que *les beaux esprits se rencontrent*...

Efectivamente, o sr. Cunha Leal tem razão quando afirma «que as ideias demasiadamente sintetizadas são sempre mal compreendidas pelo publico: tebentam como bombas» etc.

Pensamos sempre, na observação atenta da vida intelectual portuguesa, que era mais difficil, entre nós, ter ideias do que ter virtudes. Talvez o leitor encontre que não exageramos, se atentar no que val á sua roda... Mas, porque as ideias demasiadamente sintetizadas reventam como bombas, o sr. Cunha Leal atrai-nos com esta, que é de respeitavel calibre: «Não me importa que seja o socialismo ou o capitalismo que dêem o bem-estar que o povo português necessita: O que é preciso é que ele o tenha». Omittimos os dizeres seguintes deste periodo porque, bem espremidos, não dizem nada. E o pensamento orientador do homem publico está contido na transcrição feita.

Prometemos guerrear as ideias e deixar os homens em paz. Outros o entenderão de maneira diferente. O que espanta é que o republicano Cunha Leal faça depender o bem-estar do povo português desta alternativa: — ou capitalismo ou socialismo. Quere dizer: — tanto importa que o homem vista a camisa por cima do casaco como o casaco por cima da camisa. Simplesmente, o ridiculo em materia politica tão grave transformase em ruína e oppressão para o mesmo povo tão acarinhado pelo sr. Cunha Leal. Vamos demonstrá-lo, no proximo artigo. Entretanto, ocorre-nos perguntar: — em que aguas procura S. Ex.ª deitar a rede: nas que tambem os muros do Arsenal ou nas que cobrem os bancos de Angola?

JOAQUIM LANÇA

Ao romper da manhã...

A FISIONOMIA DOS LIVROS NA HORA PRESENTE

Portugal que em estética está, pelo menos, a quarenta anos de distancia do ritmo europeu, já vai tendo, de quando em longe, algumas manifestações pelas quais ha a esperança de melhores dias para os que se preocupam com essas «bagatelas» que estão ligadas ao bom gosto.

As nossas edições são, na generalidade, mal apresentadas, feitas á maneira e ao sabor da «arte» do chefe da oficina tipografica que, nessas coisas não pode ter — nem a isso o obriga o seu officio — um sentido estético perfeito, porquanto a estética implica uma cultura de um grau superior e, consequentemente quasi impossivel num operario por mais inteligente que seja. É possivel que esta regra, como todas, tenha, tambem, a sua excepção. Eu, porém, não a conheço.

E assim, por comodismo e por incompetencia da maioria dos editores, os livros portugueses têm — quasi todos, como quasi todos os jornais e revistas — um aspecto grafico deficiente e bastas vezes, ordinario...

Porisso quando surge uma dessas manifestações de bom gosto — nas estafadas artes graficas portuguesas — que nos coloca fóra dos quarenta anos do nosso atraso, ha que a mencionar, para que sirva de exemplo...

Luiz Teixeira, jornalista que já deu bastantes provas de valor, acaba de publicar um livro «Reportagem» para o qual Fred Kradofer desenhou uma capa que, na sua simplicidade, é encanto de arranjo e de bom gosto. A edição é de Paulo Guedes, editor que já compreendeu a necessidade de dar aos seus livros uma fisionomia civilizada. A parte grafica, o texto e os desenhos — estes tambem de Luiz Teixeira — são de uma harmonia que agrada á vista, por elegancia, por equilibrio e — forçoso é repetir — por bom gosto.

Se todos os editores fizessem como Paulo Guedes ou, passem os réclames, como a Editorial Atica, os nossos livros teriam aspectos correctos. Teriam, enfim, uma fisionomia lavada e não se viam as vergonhas que se veem por aí, nas montras dos livreiros...

Augusto FERREIRA GOMES

CLINICA DO Dr. Ferreira Pires
 das Faculdades de PENNSYLVANNIA (Philadelphia, E. U. D'A) e de LISBOA
 DENTAL SURGEON DO BRITISH HOSPITAL
 DOENÇAS DA BOCA, DENTES E MAXILARES
 Rua da Escola Politecnica, 77, 1.º LISBOA
 Telefone N. 7360
 Especial para classes merca abastadas

Classes Graficas

Para mais finalmente, se fazer um apuramento tão rigoso, quanto possivel do numero de graficos desempregados roga a Comissão de «Demarches» das Classes Graficas, para que todos os camaradas desempregados, e que ainda o não fizeram, se inscrevam na sede dos seus Sindicatos rua do Ataíde 6-1 na proxima terça-feira 10 do corrente, pelas 21 horas.

Esta inscrição é extensiva a compositores, impressores, e encadernadores homens e mulheres.

Morreu mais uma vitima da explosão do vapor de pesca «Bom Caminho»

Faleceu ontem de manhã no Hospital de Setubal, o marítimo Joaquim Fernandes Cabaça, um dos feridos na explosão, que se deu a bordo do vapor de pesca «Bom Caminho», conforme o *Diário da Manhã* noticiou.

As festas do Fim do Ano na Madeira

(Continuação da 1.ª página)

de nós, a fantástica cenografia da luz continua a arder, mais viva, mais invencivel. Dir-se-á que se multiplicam os cravos de ouro pregados no corpo fumido da terra e que uma labareda formidavel envolve e purifica os horizontes.

Subito, um enorme estampido abala a noite. O «Berengaria» anuncia, com o tiro de peça combinado, o nascimento do Ano Novo. Um concerto violento, esfridulo, selvagem, de buzinas e de silvos responde-lhe. E sente-se que na cidade-quermesse, na cidade cathedral da luz, um fremito espantoso acorda. Brilham melhor as lampadas inumeras. De cada canto da treva brotam auroras de topazio, de esmeralda, de ametista. Chuvas de pirilampos escarlates criam, gota a gota. Lembro-me do céu que, longinquo e humilde, oferece apenas a poeira melancolica das suas minusculas estrelas. Mas o céu quasi não se vê. Todas as constelações desceram sobre a terra. A ilha em fogo parece um desses altares de Quinta-feira Santa, que dão aos olhos uma vertigem mística. Altar acceso, jardim clarissimo, festa portentosa de luz!

De instante para instante, a visão amplifica-se. Leques vermelhos, amarelos, azuis, verdes, abrem-se na vastidão negra. Cupulas de pedrarias formam-se e dissolvem-se, em desmornamentos rutilos. Volteiam pelo espaço petalas chamejantes de flores que nunca existiram. E vem de toda a parte uma espécie de cantico do fogo, largo e religioso, onde se adivinha um hino esparso de apoteose.

É a hora maxima das Festas do Fim do Ano. A Madeira esplende, na alvorada de incendio, como arvore de natal, viveiro de astros.

Uma aclamação unanime exalta a multidão do «Berengaria». Beija-se, ao pé de mim, um casal de ingleses, numa alegria terna de crianças comovidas. Entre as ondas altas passam lanchas cobertas de balões, sobre as quais se agitam braços saudando e acenando.

No Castelo do Pico, após um breve eclipse, uma nova data succedeu á antiga: 1933 aparece agora, escrito a sangue, numa tinta ardente de annunciação. O Ano Novo, o Ano Novo! Batem as mãos sem descanso, elevam-se gritos, e as girandolas policromas não acabam de florir a noite.

A Madeira é um incendio votivo á gloria e á beleza do Ano Novo!...

JOÃO AMEAL

COMENTARIOS

Os caracois do poeta

Foram ha pouco absolvidos Varios reus comprometidos Na tosquia de Gassol, Porque a Justiça decreta Que os caracois do poeta Não valem um caracol.

Como se quedou suspensa Castela, esp'rando a sentença E o debate dos libelos, Pode afirmar-se que Espanha, Incluindo o calvo Azaña, Esteve ali pelos cabelos.

Porque a Justiça triunfa, O bardo, puchando a trunfa Do indissimo cabelo, Pensa que será, talvez, A Justiça desta vez Quem lhe está... tomando el pelo...

Taxas postais da India

O governador geral da India telegrafou comunicando estarem esgotadas varias taxas postais, pedindo que lhe sejam enviados alguns milhares de selos das referidas taxas.

Quereis dinheiro?
 JOGAI NO

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
 Pelo correio mais \$80 para registo
Sempre sortes grandes!

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

ALBINO ANTONIO DE ALMEIDA

Na sua residência, na Avenida Clinco de Outubro, 30-1.º, faleceu, ontem, o sr. Albino Antonio de Almeida, de 46 anos, natural de Arouca, comerciante, que deixa viuva a sr.ª D. Maria Florinda Almeida da Silva, realizando-se o seu funeral, a cargo da Agencia Magno, hoje ás 14.30 horas, da referida residência, para o seu jazigo no Cemitério de Benfica.

ANTONIO SOARES DE LOUREIRO

Faleceu ontem o sr. Antonio Soares de Loureiro, de 28 anos, empregado no comércio, natural de Viseu, que deixa viuva, a sr.ª D. Aida de Almeida Loureiro.

O seu funeral, a cargo da Agencia Magno, realiza-se hoje, ás 14.30 horas, do Campo dos Martires da Pátria, 100, para o Cemitério do Lumiar.

FUNERAIS

Realizam-se hoje os seguintes funerais: do sr. Francisco José Pacheco, industrial, ás 14 horas, do Hospital de Santa Marta; da sr.ª D. Perpétua Maria de Jesus Cavalheiro da Silva, ás 14 horas, da Avenida João Crisóstomo, 114-r/c., e da sr.ª D. Maria José Serra, ás 15 horas, da rua das Janelas Verdes, 1.

ALMADA, 7. — Faleceram: José Guimarães Zambujo, de 82 anos, agricultor; D. Ana Fernanda Feteira, de 68 anos, proprietária, e Armando Augusto dos Santos, de 29 anos, carpinteiro. — C.

TELEFONE 489

AGENCIA MAGNO
 R. SANTA MARTA, 172-174—LISBOA

Funerarias e Trasladações
Joaquim Ferreira Alves
 44—Rua Nova da Trindade
 Telefone 2 7623
 Serviço permanente

FUNERAES
 SIMPLES
 E LUXUOSAS
 SERVIÇO PERMANENTE
MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO
 131 RUA DOS ANJOS 135
 LISBOA TELEF. 1084 N

Os jornalistas que foram á Madeira regressaram ontem a Lisboa

Vindos da Madeira, onde foram assistir como representantes da Imprensa da capital ás festas do fim do ano que ali se realizaram, chegaram ontem a Lisboa a bordo do paquete «Carvalho Araujo» os jornalistas srs. dr. João Ameal, Augusto Pinto, Leopoldo Nunes, o artista Teixeira Cabral e Horacio Novais, «reporter» fotografico.

O assalto de ontem á igreja da Conceição Nova

Os gatuños foram enviados á P. I. C.

Foram ontem enviados á Policia de Investigação Criminal, Octavio dos Santos, de 27 anos, vulcanizador, residente na rua Possidonio da Silva, 11, 3.º e Jorge Martins, de 32 anos, ferreiro, residente na rua Ferreira Borges, 149, cave, que, conforme noticiámos, assaltaram a igreja da Conceição Nova.

Os gatuños, depois do processo estar devidamente organizado, vão ser remetidos para o respectivo Tribunal.

CARTA DE COIMBRA

«Semana do Mutualismo»

COIMBRA, 8. — A direcção cessante do Grémio dos Empregados no Comércio e Indústria, tem reunido com frequência para tratar do concurso a dar pelo Grémio á «Semana do Mutualismo» a realizar nesta cidade, de 15 a 22 do corrente.

Na sua sede continua aberta a inscrição para os sócios que queiram ir a Lisboa tomar parte nas grandes solenidades da referida «Semana».

A Companhia Portuguesa concede 50% de redução nos seus bilhetes, dando estes direito a estar em Lisboa de 18 a 25 do corrente, inclusivé.

Boa medida

Foi regulamentado pela Camara Municipal o estacionamento de camionetas de passageiros dentro da cidade, medida que tem por fim descongestionar esse serviço, nos varios locais, onde cada um, a seu modo de ver, estacionava.

O serviço de camionetas fica concentrado na rua João Cabreira e na Praça do Comércio, onde são obrigatórias as partidas e chegadas.

A rua João Machado foi destinada para as camionetas de grande porte e a Praça do Comércio para as camionetas pequenas.

Voto de reconhecimento

A Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra resolveu lançar um voto de reconhecimento ao sr. dr. Alberto de Oliveira, nosso ministro plenipotenciário em Bruxelas, pela prova de dedicação a esta linda terra de que o mesmo ministro se tem mostrado um devotado amigo cantando as suas tão belas como intercedoras poesias.

Farmácias de serviço

Entram hoje de serviço as seguintes farmácias: 1.º turno: Vitor Feitor, Praça do Comércio; Pais Mamede & Irmão, Praça da Republica, e Arménio Ferreira, rua Fernandes Tomaz.

Dr. Sanches da Gama

A fim de ser submetido a uma melindrosa operação seguiu para Lisboa o sr. dr. Sanches da Gama, que foi acompanhado pelo sr. dr. Rocha Brito.

Nascimento

Na Repartição do Registo Civil foi registado o nascimento da menina Maria Luiza de Sousa Dias de Carvalho, filha estremeçada do sr. Cipriano Dias de Carvalho, funcionario superior dos Correios e Telégrafos de Coimbra, e da sr.ª D. Laura das Neves e Sousa Dias de Carvalho.

Agressão brutal

Esta tarde foi barbaramente agredido Manuel dos Santos, de 55 anos, casado, pedreiro, de Vila Pouca de Sernache, dentro duma sua propriedade, devido a uma questão de serventia da mesma.

Os autores dessa agressão foram José e Manuel Fernandes, daquele lugar, que empunhando uma foice e uma enxada fizeram com que o Manuel ficasse bastante ferido, o qual veio para Coimbra devido á gravidade dos ferimentos na cabeça e pelo corpo.

Vai ser apresentada a respectiva queixa na P. I. C. — C.

EMIGRANTES

De varios portos da América do Norte chegaram, ontem, a Lisboa, no vapor «Edisson», 51 emigrantes portugueses.

No «Sierra Nevada» regressaram tambem, do Brasil, mais 22 emigrantes.

USE E ABUSE DO Espumante Alentejano A' VENDA

Mercearia TAVARES (Rua da Prata) — Confeitaria ROSA ARAUJO (Rua S. Nicolau) — Grémio Alentejano (Eugenio dos Santos) e em todas as boas casas

Representante — GILBERTO SEQUEIRA

R. DOS DOURADORES, 150, 1.º Telefone 2 6713

A CAMINHO DO ESTADO NOVO

O significado da «política de Coimbra»

no acto da posse solene da comissão distrital da União Nacional

Notáveis afirmações dos srs. drs. Moura Relvas, João Duarte de Oliveira e Bissaia Barreto

A Ditadura acaba de conquistar, em Coimbra, um novo triunfo. Venceu uma nova, gloriosa etapa. A tão falada — e tão combatida política de Coimbra — definiu-se, clara e insofismavelmente, mostrando o seu alto objectivo patriótico, afirmando a sua razão de ser como elemento cooperador da Política de Verdade que vinha sendo preconizada, desde a sessão memorável de 30 de Julho de 1930, e que constitui, hoje, o programa de governo do Governo forte da presidência do sr. dr. Oliveira Salazar.

Era acusada a política de Coimbra de ser a política de um homem só — a política dum antigo político. Houve quem se insurgisse contra ela, apontando-a como um perigo imminente para a Ditadura — pelo ingresso na ditadura de elementos constitutivos dum antigo partido constitucional da Republica. Esqueceu-se ou ignorou-se, porém, que, desde a sua primeira hora, a política de Coimbra, em lugar de representar um perigo para a Ditadura, significava, sim, uma conquista realizada pela Ditadura — a conquista de valiosos e numerosos elementos republicanos, que, abandonando os seus antigos postos de combate, alguns de categoria, vinham para a Ditadura servindo como soldados — sem comando, sem situações marcantes, reconhecendo apenas como doutrina política o Pensamento nacionalista da Ditadura dentro do regime republicano. Republicanos de sempre, não admitiam que a questão de regime fosse posta — porque o regime era a Republica, e a Ditadura, pela vontade expressa do Exército de Terra e Mar, fizera a Ditadura para salvar a Nação, prestigiando e dignificando a Republica.

Quere dizer: a política de Coimbra representou e representa a adesão de valores estruturalmente republicanos à política da Ditadura — a política do Estado Novo — adesão sem quaisquer exigências, sem arriêre pensêe, sem misteriosos planos, sem biombos, sem reticências, antes clara, franca, feita à luz do dia, num grande e louvável espirito de abdicção de antigos princípios, de renegação, até, do proprio passado político.

*

Assim nasceu e, embora combatida, viveu e triunfou a chamada política de Coimbra que, originada na publica adesão à Ditadura do sr. dr. Bissaia Barreto, para a Ditadura trouxe grande numero dos correligionarios e amigos daquele ilustre professor, sem outra qualidade politica que não fosse o seu republicanismo indefectível — o seu republicanismo de sempre.

Foram, assim, reduzidas grandemente as fileiras dum antigo partido político constitucional, porque os seus elementos, que dele se afastaram para ingressarem na Ditadura, se consideraram, desde logo, para sempre irradiados da agremiação a que haviam pertencido. E pela sua categoria moral, intelectual e social a ninguém era licito duvidar das intenções que os animaram ao virem enfileirar na política do Estado Novo. E a prova cabal, indiscutível, acaba de ser dada neste acto de posse da comissão distrital da União Nacional — acto político que assinala para a Ditadura uma das suas maiores conquistas políticas — o leal, sincero, patriótico concurso ao Estado Novo de autenticos valores intelectuais e morais, nomes ilustres, nomes conhecidos e respeitadíssimos, figuras de prestigio social como o reitor e alguns

professores da Universidade e dos principais estabelecimentos de ensino da cidade de Coimbra — concurso oferecido e aceito adentro daquele pensamento expresso pelo Chefe do Governo no acto da posse da Comissão Central da União Nacional, nos seguintes termos: — «os que concordam com o nosso programa fazem uma obra patriótica declarando a sua concordancia e trabalhando abertamente a nosso lado».

Conclui-se, pois, que a politica de Coimbra é a politica dos que concordam com o programa do Estado Novo, declarando a sua concordancia e trabalhando abertamente ao lado do Governo.

A politica de Coimbra é, a partir de hoje, a politica da União Nacional reconhecendo por Chefe a figura eminente, a grande figura nacional do sr. dr. Oliveira Salazar — o verdadeiro Chefe.

Às 15 horas no Governo Civil. Salas e corredores repletos. Figuras conhecidas no meio coimbrão — professores da Universidade e do Liceu, officiais do Exército, representantes do Comercio e da Industria, individualidades de vulto — velhos republicanos, republicanos de sempre, que Coimbra conhece e admira pelo seu passado honrado.

Há gente de todo o distrito — nomes que figuram, de há muito, desde a primeira hora do 28 de Maio, nas fileiras da Ditadura, presidentes de Camaras Municipais, administradores de concelhos, elementos da União Nacional.

Às 15,30, lido pelo sr. engenheiro Alberto Ferreira da Silva o auto de posse da comissão distrital, constituída pelos srs. dr. João Duarte de Oliveira (presidente), reitor do Liceu e professor da Faculdade de Medicina; dr. Joaquim de Moura Relvas (vice-presidente) medico e governador civil; dr. Ferrand Pimentel de Almeida, professor da Faculdade de Letras; dr. Anibal Cabral reitor Universidade José Falcão; engenheiro agronomo Alberto Ferreira da Silva, professor e director da Escola de Regentes Agricolas; dr. Francisco de Freitas Cardoso e Costa, antigo inspector de Saude; e Francisco da Cunha Matos, secretario da Camara Municipal — o sr. dr. Moura Relvas, ilustre chefe do distrito de Coimbra, eu o seguinte discurso:

Notáveis afirmações políticas do governador civil de Coimbra, sr. dr. Moura Relvas

«Meus Senhores:

Como chefe do distrito é dever meu saudar a Comissão Distrital da União Nacional de Coimbra, que vai entrar no exercicio das suas funções.

Aproxima-se o acto eleitoral para aprovação da nova Constituição pelo País, o que reveste esta posse duma maior solenidade, confirmada pelo numero e qualidade das pessoas que acorreram aqui e cuja presença agradeço penhorado em nome do Governo.

Começo por cumprimentar o ilustre presidente da Comissão, sr. dr. João Duarte de Oliveira, reitor da nossa Universidade: a sua experiencia dos homens, a sua inteligencia esclarecida, o seu bom-senso, a sua honra impoluta, as suas faculdades de trabalho, a bondade do seu coração, não excluindo a imparcialidade dos seus actos, ratificam a segurança da sua futura acção, como altamente benéfica, no posto de honra e de combate que vai ocupar.

Os restantes membros da Comissão são também credores da minha admiração pelas suas faculdades: o sr. dr. Ferrand de Almeida, um dos mais distintos Lentes da nossa Universidade, cuja cultura invulgaríssima só pode medir-se com a elegancia primorosa dos seus trabalhos; os nomes brilhantes e prestigiosos do sr. dr. Anibal Cabral reitor do Liceu de José Falcão

e do sr. engenheiro Ferreira da Silva, director da Escola de Regentes Agricolas; o sr. dr. Freitas Costa, a quem Coimbra deve assinalados serviços, que o Governo não deixará de galarduar; o sr. Cunha Matos, figura de destaque no nosso meio social, de raras qualidades de trabalho; nenhuma dessas individualidades ignora o alcance e o significado da obra a que vão meter ombros. Em obediencia a que criterio foram escolhidos?

A marcha da politica do distrito poderia ter sido objecto de criticas e de elogios. Entendo que são deslocados, os segundos como as primeiras.

A missão dos governadores civis

A missão dos governadores civis, na expressão sucinta e clara do nosso ilustre ministro do Interior, consiste em: «manter com inquebrantavel firmeza a autoridade da Ditadura no seu distrito; velar por que as leis se cumpram integralmente, sem distincção de pessoas; promover a realização dos interesses legitimos, das legitimas aspirações dos povos do seu distrito».

Tenho procurado entender-me, dentro destas clausulas, com a missão a mim confiada, na plena sinceridade duma inescotavel fe nacionalista, mas devo destacar que circunstancias do momento e características do meio tornam particularmente ardua aquela missão. Assim, poder-se-ia gerar, de deducção em deducção, alimentado por um progressivo mal-estar, um circulo vicioso, onde a energia das nossas resoluções viesse a morrer sem grandeza, se a nossa indole, a nossa educação, nossa cultura nacionalistas, nos não fivessem incutido no animo uma perfeita indiferença pelo elogio imerecido ou pela critica copiosa.

O objectivo das comissões da União Nacional

Para amplificar a minha acção era pois necessario que a Comissão Distrital da U. N. viesse tornar-se elemento coordenador de todas as actividades ao serviço da Situação, aparecendo inteiramente destituída de espirito de partido, composta por individualidades de cujos são e definidos objectivos não fosse licito duvidar-se, para obtenção final duma perfeita homogeneidade e solida disciplina. Era ainda preciso atender a que compete ás comissões da União Nacional, como consta do respectivo manifesto «desviar do seu campo tudo o que possa desunir os portugueses e fixar nele tudo o que lhes possa dar coesão, pelo accordo comum e por contemporização razoavel».

E' dentro desta orientação que a comissão deve organizar a defesa e propaganda dos seus principios-basiliares, tais como: conceito do Estado forte, coordenador e organico, contra o liberalismo dissolvente e anarquico; estudo consciencioso das deficiencias do sistema antigo, mais do que a critica esteril dos erros dos homens que o serviam; acatamento pleno e leal do regime republicano, que o esforço do venerando chefe do Estado e do sr. presidente do Ministerio tem prestigiado e engrandecido perante o Mundo; defesa e consolidação da Familia, Corporação, Municipio, como organismos sagrados e necessarios na nossa concepção politica.

Como homens, devem os membros desta Comissão ter-se mantido alheios a paixões ruins, equilibrados, sensatos, trabalhadores, «homens bons» em suma, com autoridade para organizar em bases seguras as nossas forças e para iniciar a propaganda entusiastica das nossas ideias.

Como compromisso moral, presfamo de saber subordinar o seu interesse particular ao bem geral e este aspecto mereceu-me particular atenção.

Não há um só que não sacrifique momentos preciosos do seu mister para vir ocupar o seu posto.

Vão encher de preocupações horas que podiam ser tranquilas, no remanso suave dos seus lares. Têm, de facto diante de si, responsabilidades pesadas de propaganda e acção social. Mas, se a familia é uma das bases sacrosantas

da nossa doutrina, que um sentimento de respeitavel egoismo torne menos pesado um sacrificio que, por vezes; não vo-lo escondo, terá de ser heroico.

Como conclusão, farei ainda alguns comentarios que o momento politico de Coimbra torna oportunos e dignos de serem especialmente postos em foco.

A União Nacional, sendo uma energia que progressivamente se desenvolve, é superiormente caracterizada por uma completa e propositada ausencia de sectarismo. Ressalta, nos seus trajectamentos, um criterio educativo, sugerido pelo espirito de obediencia e disciplina que se encontra na raiz da nossa doutrina, e que por vezes desnor-teia um ou outro individualista que eventualmente por cá haja e pode causar estranheza a um ou outro impaciente dos nossos. Uma politica como a seguida por nós, neste distrito, feita de pertinacia e de bom senso, é certamente menos decorativa, menos aparatosa, mas em compensação mais segura, mais apropriada ás condições do nosso País, cansado de aventuras. Assim, não dominaremos os adversarios pela violencia mas impomos-lhes a honestidade e realismo dos nossos propositos, fora de utopias e quimeras; aos indiferentes procuraremos comunicar-lhe a chama da nossa fé; aos nossos recordaremos que o brilho e a solidez da victoria serão antes de tudo proporcionais aos sacrificios que fizermos.

Aos membros da comissão distrital incute o dever, individual e colectivo, de por a solidariedade ideologica acima das contingencias pessoais e eu tenho a certeza antecipada de que saberão cumpri-lo.

Deste modo poderão reunir-se, num feixe unico, sob um comando unico, as forças que se disponham a servir a Ditadura neste distrito, incorporando-se na União Nacional.

Termino, reiterando aos membros da comissão distrital os meus agradecimentos pela sua aquiescencia ao convite que lhes dirigi.

O discurso do presidente da comissão distrital da União Nacional, sr. dr. João Duarte de Oliveira

Fala a seguir o presidente da nova comissão, sr. dr. João Duarte de Oliveira, ilustre Reitor da Universidade:

Meus senhores:

Em dado momento historico, não muito afastado de nós mas que já parece longiquo pela intensidade da vida que se tem vivido desde essa data gloriosa que foi o 5 de Outubro de 1910, a Nação galvanizada pelas inspirações do novo credo politico unificou-se na fusão de todas as nuances partidarias que pelo almejado regime republicano combatiam denodadamente.

Dessa união saíu o movimento triunfante que salvou a nacionalidade de vir a morrer soterrada nos destroços duma monarquia que se esfacelava pela gangrena duma profunda corrupção politica alimentada pelo virus corrosivo da mais pernicioso e funesta desagregação partidaria. A Republica portuguesa surgiu então como uma aurora enchendo de gloriosa satisfação os lutadores que patrioticamente se bateram pelo seu triunfo e aquecendo e fecundando na alma de todos os portugueses aqueles germens de esperanças que traziam a Patria anelante e ansiosa pelo advento de melhores dias.

O regime republicano foi implantado e tem se mantido em Portugal como expressão duma vontade nacional, como regime estruturalmente adequado á realização de todas as aspirações de prestigio e de progresso da Nação.

Sómente porém, a conjunção dos esforços combativos não teve o condão de manter congregados e unidos os elementos combatentes; e a breve trecho todo o trabalho de construção e aperfeiçoamento, todo o trabalho de reorganização social que devia prestigiar o regime identificado com a Pa-

tria, cedeu o passo á viciosa e pernicioso luta dos interesses partidarios até ao ponto de vermos a vida da republica retrogradada e desprestigiada nos processos de desagregação e corrupção politica que não muitos anos antes tinham feito ruir a monarquia.

A acção prejudicial dos partidos

«Os partidos não se mostraram á altura da missão que lhes incumbia e poderosamente contribuíram para a desordem da vida publica em Portugal. Seria preciso muita coragem para o negar». Assim o declarou em occasião solene um dos principais caudilhos da Republica e tambem um dos coniventes de maior responsabilidade na desagregação politica que ia ameaçando de morte ingloria o proprio regime.

E porque assim o reconheceu a população honesta e laboriosa do país — a necessidade dum movimento de reabilitação, mais do que isso, de verdadeira salvação publica — começou a entrar como convicção nos espiritos, estimulando o sentimento patriótico para uma reacção salvadora.

Todos os homens de boa intenção e são patriotismo se uniram na mesma fé e no mesmo anseio de verem á nossa Republica restituído aquele prestigio e dignidade indispensaveis a todo o regime que pretenda ser a expressão verdadeira dum povo nobre.

Para a realização desse ideal interveiu oportunamente um gesto patriótico de força realizado por quem, de direito e de facto representa a propria força da Nação. Numa hora heroica de acendrado patriotismo o Exército português compreendeu que não lhe competia somente a defesa da integridade da Patria contra o inimigo externo; vendo a Nação sossobrar numa orgia politica que a ameaçava de ruina inevitavel proclamou o seu grito salvador de pró-Patria pondo-se de guarda ás cadeira da governação publica, não para ali garantir a segurança de um ditador, mas para dizer a todo a Nação que estava ali garantida a ordem a tranquilidade e a segurança indispensavel a quem quer que possuisse a capacidade intelectual e o amor patrio bastantes para pôr o seu labor e o seu sacrificio ao serviço da obra de ressurgimento nacional que o país exigia sob pena de perder-se irremediavelmente.

Em hora tão decisiva para a vida da Nação como em alguns outros momentos de grande perigo nacional, ou ainda em outras conjunturas de prestigioso ressurgimento patrio, a situação criada encontrou para a realização integral do seu alto objectivo patriótico uma individualidade tão isenta e pura das contaminações politicas partidarias como rico dos mais profundos sentimentos patrióticos.

E toda a forte envergadura intelectual desse homem que estava enchendo de brilho a sua cadeira de professor, passou a mostrar-se ainda superiormente brilhante e fecunda na sua cadeira de Ministro da Republica.

O mesmo modesto homem de ciencia, o mesmo caracter austero de honestidade e probidade, inconcussas que deixou de fazer as lições teóricas para o seu curso, passou a fazer as lições praticas do seu profundo saber para toda a Nação. E está tem-no ouvido, primeiro com admiração logo depois com aplauso, a seguir ainda com respeito e entusiasmo pela sua obra, e hoje com amor e dedicação pela grandeza moral do seu tão patriótico como profundo apostolado politico. E' pelo reconhecimento dessa obra e sob as inspirações desse apostolado que aqui nos encontramos hoje a afirmar a nossa fé nos altos destinos da Patria, com a convicção de que é pelo caminho traçado e seguido pelo prestigioso Chefe do nosso Governo e com a ordem e segurança publica asseguradas tão patrioticamente pelo nosso Exército de Terra e Mar, que esta Patria alcançará o grau de progresso e prosperidade dignos de perpetuar no futuro e prestigio que herdámos do nosso passado glorioso.

Não é nosso proposito constituir

(Segue na 11.ª página)

RADIO --- DIFUSÃO

EM FÉRIAS

O-A-B-C-da-T.S.F.

Radio-difusão provinciana — Fomento espiritual — Notícias de todo o Mundo A musica ambiente da alma

Não é preciso antecipar para fazer o quadro da modificação levada a provincia pela Radiodifusão e porque, pode dizer-se, para as provincias são os beneficios culturais por ela *ela semeados a eito*, em *Ervadeant*, — mais do que para as Babilonias, donde por via de regra irradiam.

A provincia já colhe embrionariamente os beneficios da Radio. E' nos remansos longos das terras pequenas que a palavra e a musica radiadas vinham mais fundamente as suas virtudes intencionais. Nas cidades, criadoras da nevróse e da moda, nial sobra tempo para extrair de um receptor a palavra radiada que em si mesma transporta um mundo de sugestões... Escutamos, por via de regra, para nos atordarmos um pouco mais — o que não é bem escutar. Não há paragem na manobra nervosa e insatisfeita dos botões dos condensadores e passam céleres rajadas de s mais heterogeneas sonoras, onde um *fox* cavalga uma *savatina* e um discurso politico é quebrado por um reclame de «pastillas Juanola, que curan la tos»...

Na provincia, não. A natureza nos seus processos vagarosos e pacientes, espelha nos seus filhos mais chegados a sua calma e convida-os a observar todo o fio de pensamento que lhes passa proximo, a assimilar quanto vêm e ouvem e portanto a exercer a sua nobre profissão de *pensar* — coisa rarissima nos tempos correntes e nos grandes viveiros de almas.

A primeira pois recolhera — e já hoje reconhe — a melhor parte da radio-difusão — que nas cidades se perde. Visão o Alentejo, por exemplo, que mais de perto conhece, na sua expressão de oceano solidificado, onde os classicos *montes* fazem isoladas sentinelas nas encostas das colinas anãs e onde as cidades e vilas mais proximas demoram as leguas umas das outras e penso nos longos serões em que se joga o *quino* e o *sólo*, no ritmo das canções que embalam os bebés.

A musica é rara na sala provinciana e quando acorda, nos formidaveis silencias das noites naturais, provém dum piano cujo timbre recorda, nostalgico, as formas musicais de uma vida que deixou de ser e que apenas sepulta na saudade uma energia que é precisa para amanhã...

Tudo é vagaroso no seio da natureza e o *mot d'ordre* da vida actual é, infelizmente, a *aceleração*.

Ha que correr fisicamente e com o pensamento tambem.

Ora a Radio-difusão opera no sentido espiritual a mesma transformação que na vida fisica provinciana operaram as boas estradas e as camionetas nestes ultimos cinco anos.

As energias e aptidões acordam e multiplicam-se e os acontecimentos passam, sem darmos por tal, do palco para a tela, do teatro para o cinema — arte consequente á aceleração característica da nossa época.

Os emissores estão onde não podiam deixar de estar: nos grandes centros das actividades humanas, — caçaer e Måolestrom de ideias e formas. Os receptores tem o seu lugar, por excelencia, nas provincias.

Ora a provincia tem presentemente alguns milhares de pontos dessiminados de norte a sul, o que já representa alguma coisa na nossa terra de iniciativas lentas, mas muito poucas ainda para formar uma classe de cultura, percentagem bem insignificante no numero de habitantes aptos á diversão elevada e á função utilitaria que a Radio representa.

São muitas as razões da rarefacção radio-receptora por esse país fóra, mas entre outras quasi inibitivas avulta por certo a falta de energia electrica esta-vel para os receptores de ligação directa, ou não existe energia ao menos para carga de baterias. Este grave escolho retrai inumeros aspirantes á radio-recepção, restando-lhes apenas, neste caso, o recurso das pilhas secas

para alta tensão e humidas — como medida economica para baixa tensão. Quanto a receptor escolhido deverá ser o de menor numero de lampadas para a eficiencia desejada.

Havendo energia electrica, mesmo instavel, já são praticas as baterias de acumuladores com carregadores adequados.

E' esta com efeito a forma mais espalhada de radiofonia no nosso país. Ha amadores provincianos que possuem já ha anos esta forma de recepção. São os da velha guarda, que têm pelos seus aparelhos uma dedicação constante, pois deles depende o seu *contacto* com todo o Mundo, um arelamento do espirito e uma necessidade absoluta da sua vida.

Sabemos — e experimentamo-lo tambem — que foi grande o alvoroço que passou nas provincias na expectativa da retransmissão radiofonica do discurso do sr. Presidente do Ministerio, que, pode dizer-se, foi escutado por todos os radiofilos da nossa terra que áquella hora puderam estar junto dos seus receptores.

Esse acontecimento politico, radio-difundido em optimas condições, evidenciou fundamentalmente a inestimavel condição publicitaria da Radio, mormente nos grandes lances politicos e sociais como este a que nos referimos, tão de molde a despertarem uma imensa curiosidade e um desejo de immediato conhecimento.

Nada como a Radio para satisfazer idealmente os mais gulosos pelo acontecimento da ultima hora. E' a propria personalidade politica, literaria ou scientifica, que lhes comunica o facto notavel! E é escusado acentuar o relevo que imprime no espirito do auditor a comunicação directa — qualidade suprema da T. S. F.

E desde que temos o mundo dentro de casa, através da sua modalidade sonora, captado e registado pelo sentido auditivo talvez mais intelectual que o sentido da visão — a surdez é sempre triste; a cegueira é conformada e por vezes alegre — depara-se-nos sempre, a qualquer hora do dia ou da noite a inestimavel possibilidade de recorrer ao receptor para aproveitar um momento do ocio ou afogar um instante de tédio.

E á noite, após o dia de trabalho e de ocupações prementes, um fio de musica, que parece vir de um outro mundo, realiza uma das passagens das «Mil e Uma Noites»; espalha no ambiente a morbidez dos sonhos, e, pela boca de uma nova Scherzade, o ser isolado e concentrado assiste á comedia do Mundo...

Inapreciavel dom da Providencia, mais para vós, provincianos, do que para nós, cidadãos,

JOÃO ZARCO.

Azeite-Extra

Quinta da Serra

Pedidos a A. CARVALHO & C.
Rua Bacalhóiros, 72, 1.º T. 24482
Tambem á venda nos bons estabelecimentos

DR. ARMANDO NARCISO

Clinica Medica

P. dos Restauradores, 48-1.º
Telf. 2 1738

«Diário da Manhã»

Condições de Assinatura
PORTUGAL E ESPANHA

Ano.....	108000
Semestre.....	54000
Trimestre.....	27000
FSTRANGEIRO	
Ano.....	198000
Semestre.....	99000

Secção Radio CONSULTORIO

DIA 9

As emissões praticamente audíveis em Portugal, pela maioria dos receptores, por ordem do numero de metros de onda e «Kilociclos», são as seguintes:

- Londres nacional — 261 m. — 1.148 kc. — 65 kw. Turim — 273 m. — 1096 kc. — 20 kw. Estrasburgo — 345 m. — 869 kc. — 8,5 kw. Bordeus — 304 m. — 986 kc. — 17 kw. Barcelona — 348 m. — 860 kc. — 8 kw.
- Londres regional — 356 m. — 842 kc. — 76 kw. Argel — 363 m. — 825 kc. — 15 kw. Tolosa — 385 m. — 779 kc. — 8 kw. — Suíça Italiana — 403 m. — 743 kc. — 25 kw. Roma — 441 m. — 680 kc. — 50 kw. Langenberg — 472 m. — 635 kc. — 75 kw.

AUDIÇÕES EM DESTAQUE

LONDRES, ás 20 h., uma peça de Wells.

As 21 h., recital de violoncelo por Raya Garbonsova.

As 22 h., orquestra da B. B. C. sob a regencia de Victor Hely Hutchinson. «Les petits riens», de Mozart. «Rosamond», de Schubert. «Valsa Triste», de Sibelius. «Gavotte», de Elgar.

BARI, ás 19,30 h., duas operas em um acto: «Il Tobarro» e «Gianni Schicchi», de Puccini.

BORDEUS — LAFAYETTE, ás 19,40 h., musica popular.

As 20,30 h., concerto de orquestra.

TURIM — MILÃO — TRIESTE, ás 21 h., concerto: Overture de «O cerco de Corintho», de Rossini. «Malgueña», de Albeniz. Preludio de «Lobeley», de Catalani. Suite de «Les Fantoccini», de Lecocq. «Delito e castigo», de Pedrollo.

As 22 h., noticiário.

PARIS, ás 19,30 h., concerto de orquestra.

As 20,30 h., continuação do concerto.

ESTRASBURGO, ás 20,45 h., concerto de orquestra com o concurso de Jaques Thibaud, violino, retransmitido de Metz.

BARCELONA, ás 21,5 h., revista humoristica.

As 21,15 h., recital de Sardanas.

As 22,30 h., concerto pela orquestra da estação.

As 23,15 h., musica de baile.

ARGEL, ás 20 h., sinfonia «La Reine», de Hydn, pela orquestra da estação sob a regencia de Hubert Guillet.

TOLOSA, ás 19,45 h., operetas. «Miss Decima», de Audran. «Brumello de Hahn», «Le Pré aux Clercs», de Hérold.

As 20 h., «Mireille», de Gounod. «Sapho», de Massenet. «Pescador de Pérolas», de Bizet.

As 21 h., concerto Mozart. «Marcha Turca»; «Dansas Alemãs»; ouverture de «Figaro»; «Il Serraglio»; «Cosi fan tutte».

SOTTENS — SUÍÇA ITALIANA, ás 19 h., «Werther», opera em quatro actos, de Massenet.

ROMA, ás 19,45 h., concerto de orquestra.

As 21,55 h., noticiário.

LISBOA, ás 12,30 h., C. T. 1 D. H.

As 21,30 h., C. T. 1 A. A.

As 21,30 h., C. S. 1 A. A.

ESTAÇÕES DE EXTRA-CURTAS

* Império	31,50 m. — 49,60 m.
Rio de Janeiro, PREB	31,58 m.
Schenectady, W2XAF	31,48 m.
* Zeesen, DJA	31,38 m.
C. T. 1 A A	31,25 m.
Pontoise-Rádio Colonial,	25,60 m.
Pittsburg East, W9XAA	25,25 m.
* Roma, 2RO	25,4 m.
Schenectady, W2XAD	19,56 m.

(O asterisco indica as que se ouvem melhor).

Missa do trigesimo dia

2.º Sargento-Cadete

AMILCARGONÇALVES

Sua viuva e mais familia participam a todas as pessoas das suas relações que amanhã, 10, pelas 10 horas, mandarão rezar uma missa na Igreja de Santos-o-Velho, sufragando a alma do seu querido morto.

F. X. — Algarve.
Porque convem que outros tambem aproveitem a lição transcrevo.

O aparelho não vinha acompanhado de *circuito* ou *esquema*. Porém, quando ultimamente lhe mudei os transformadores «Intra» por outros muito mais caros a ver se conseguia eliminar o *assobio* que acompanhava a musica e melhorar de um modo geral o rendimento das valvulas, um antigo amator que aqui ha muito dedicado a assuntos tecnicos da T. S. F. fez um «boneco» do circuito que ainda conservava, felizmente, e que remeto não tendo assim que recorrer a R. P. para lhes confessar que mandara desmanchar a sua obra que eles consideravam impecavel apesar de por varias vezes lhes ter feito ver quanto ela me tem desgostado.

Interrompo:

E' muito para admirar o facto da R. P. não pôr os seus tecnicos á disposição de v. para remediar as deficiencias que acusava o receptor, porque, vejamos: se o aparelho tinha uma sonoridade normal, captação das principais estações e uma selectividade mediana aceitavel em 4 lampadas, parece que a remessa de um esquema e alguns conselhos remediariam de pronto o «assobio» se sómente de um «assobio» se tratava. Em tal caso era escusado mesmo mudar os transformadores e talvez apenas *schuntar* o secundario do ultimo transformador com uma pequena capacidade. A proposito dir-lhe-ei que me tenho dado melhor com os transformadores «Intra» de baixo preço do que com aqueles que equipam o aparelho e que seria conveniente remetermos.

Continua:

As lampadas estavam então em *linha*, disposição que teve de se alterar para receber os novos transformadores mais volumosos do que os primeiros.

O receptor vinha acompanhado de uma pilha «Siemens» — um bloco que comprehendia *alta* e *baixa* tensões.

Fazia tomadas a: +15 voltios, + 60 v., + 150 v.

Grelha: 0 v. — + 13,5 v. — + 15.

— Aqui devia ser não o que diz, mas: 0 v. — 13,5 v. — 15 v. polarizações negativas de grelha, todavia absolutamente inadequada a de 13,5 v. para polarizar a 415 em primeira baixa que apenas suporta — 3 a — 4 v. Alem disso a 425 em detecção não é aconselhavel, tendo á mão uma A 415, detectora por excelencia!

Acho o conjunto muito estranho.

Era meu desejo, para meu estudo, comprovar bem a primeira forma do receptor e, se fosse possivel, equilibra-lo tal como está e isso farei. Não lhe toquei ainda porque dois motivos imperiosos mo impediram: trabalhos anteriores ao seu entre mãos e a saudade abalada nestes ultimos dias.

Tenha pois paciencia de esperar a sua vez que espero seja dentro de alguns dias.

Uma dificuldade me surge para a transformação em «Aladino IV»: a exiguidade de superficie o que torna mais difficil a montagem do que fazer de novo.

Teremos que introduzir-lhe mais um condensador variavel grande e dois micro-condensadores; dois suportes para bobina, visto que «Aladino IV» trabalha com duas indutancias separadas e afastadas. Duas para ondas medias e duas para extra-curtas, — o Roscio na Betesga. Veremos porém como isso será.

As lampadas, provadas em outra montagem, trabalham regularmente mas, peffiro, nitidamente, uma 409 para 1.ª baixa a uma 425.

Seria interessante para v. ver o interior do receptor do dr. A. C. para fazer ideia da nova montagem.

J. de Oliveira — Lisboa.

Diz:

Com os meus cumprimentos venho pedir a v. a subida fineza de me enviar o esquema de «Aladino IV» e algumas explicações que julgue necessarias, pois sendo eu um leitor assiduo da pagina de Radio-Difusão do *Diário da Manhã* tenho um grande interesse sobre esta montagem, visto o meu receptor um R. S. 21 ser um pouco au-

tiquado e desejar ter mais selectividade.

Junto envio um selo para resposta de v. a quem peço me releve a maçada e o tempo que lhe desperdiço.

— Realmente o grave problema que constantemente me afflige é o tempo que, todavia, não é de modo algum um desperdicio quando empregado a responder ás consultas com que me honram os leitores do *Diário da Manhã*. Estou no cumprimento portanto de uma obrigação absolutamente gratuita.

Simplemente, já me não é tão facil distrair das horas de jornalista radiofilo e de outros trabalhos da Radio aplicada, o tempo preciso para fazer um desenho *comme il faut* e toda a cantilena que acompanha um circuito. Não se desconsoloe porem com o preambulo porque devagar se vai ao longe.

Creio, suponho, que v. terá talvez mais horas disponiveis do que eu e portanto, apesar do frio que de repente caiu sobre nós, se disponha a vir em pessoa buscar um esquema e colher de ouvido umas recomendações essenciais.

O «A. IV.» é um circuito de 4 lampadas que se me afigura de uma simplicidade primitiva dependendo o seu exito apenas de um perfeito afinamento.

Uma alta frequencia — grelha blindada aguça-lhe a sensibilidade e a selectividade mercê de capacidades interpostas e de cujo valor esta ultima qualidade depende.

Não pretende realizar a selectividade de um super, embora seja possivel torna-lo imensamente selectivo com um pré-selector que todavia o tornaria menos simples. Entendi que era bastante conseguir o que outros 4 lampadas não conseguem: ouvir Barcelona em Poste Parisien com o A A a trabalhar e, finalmente, realizar em extra-curtas o *désideratum* da *accrochage* doce e sensibilidade aguda em 4 lampadas, o que, é voz corrente, não é facil com alta frequencia detectora e baixas, preferindo os amadores para este fim o classico 3 lampadas.

E' possivel comprovar isto, mesmo actualmente, quando a época adeantada para extra-curtas fazia prever uma extinção total das ditas. Pois não senhor, e temos que emendar o que alguns dissemos sobre a influencia do frio nos pequenos comprimentos de onda. Quer de dia quer de noite, á parte as intrusões telegraficas, venho realizando uma esplendida escuta, o que me leva definitivamente a imputar para as neblinas a causa dos fracassos no inverno.

Da alta frequencia passa á detectora que utiliza um circuito oscilante simplificador em que ha apenas uma indutancia com três tomadas Antena-Grelha-Condensador.

Finalmente as baixas frequencias, que têm, como terá lido nas minhas passadas palestras, uma grande influencia no bom trabalho e rendimento da detectora.

O resto é afinamento e paciencia não havendo nunca motivo nem direito para julgar mau um circuito que funciona mal por insuficiencia de quem o monta.

Poderá v. pois procurar-me da 16 horas em diante até ás 18,5 e das 21,30 ás 22,30 em R. Francisco Sanches, 122-3.º

H. L. — São Tomé.

O Posto de V. Ex.ª está pronto e poderia ir em caminho se me acudissem a tempo as pessoas a quem V. Ex.ª pôs no *intermezzo* da sua T. S. F.

Mão é demais lembrar que estes labores manuais e tecnicos são feitos obsequiosamente aos meus leitores, que, ou depositam em mim absoluta fé ou não devem procurar a minha intervenção directa nos seus reajeos.

A minha singela impressão do aparelho montado em «Aladino IV» é a seguinte: Satisfaz-me amplamente como receptor de extra curtas, dando-me concertos completos de Roma, de Berlim, de Schenectady e Chelmsford. Não creio que o S. S. o sobre-passe em nada.

O primitivo circuito tinha realmente já dentro uma colonia de saguis.

Neste não deve encontrar macacos nem vacas pela simples razão de que basta-lhe-á pôr os comandos nos numeros que eu indico para ouvir as estações. Cumprimenta v. Ex.ª

PAGINA AGRICOLA

Iniciando a publicação semanal das páginas rurais do Diário da Manhã, venho, como bom português, fazer a minha profissão de fé agrícola repetindo o enunciado dos dois dogmas habituais:

Portugal é um País essencialmente agrícola.

Portugal é um jardim á beira-mar plantado.

Enunciados os dois dogmas não me exija o leitor que lhe diga se sim ou não acredito no primeiro.

Isso é comigo. Comigo e com os muitos anos em que lutei com os caprichos histericos do clima desta linda terra que talvez por ser muito linda é, como as mulheres que o são, histerica e caprichosa.

Assentemos, portanto, prudentemente em que Portugal é sómente um jardim á beira-mar plantado e digamos, sempre que pudermos, e aos que não sabem, como se não de tratar os frutos e as flores desse jardim, por vezes tão pouco cuidado e tão cheio de gramas e escalachos.

Estas páginas não são escritas para os grandes lavradores. Esses têm na grandeza das suas explorações recursos para bem se aconselharem e provavelmente sabem muito mais do que eu.

A «Vida Rustica» é só para aqueles que possuindo duas ou três geiras têm interesse em tirar dessa jaiza exigua de terra, mercê duma cultura variada e cuidada, os primores da sua mesa e umas horas felizes e calmas passadas junto da terra que, é, ainda hoje, a mais erudita mestra do coração humano.

Estas páginas, mister é dizê-lo, são escritas por alguém que nunca recebeu da terra uma ingratidão consciente e por isso lhe quer tanto mais quanto a vida lhe tem feito detestar os seres racionais que a dividem possuem e maltratam.

Se eu disser aqui, em letra redonda, que, para mim, Napoleão ou Carlos Magno valem muitíssimo menos do que uma couve lombarda o leitor talvez me chame doido se nunca teve uma horta. Se, pelo contrario, já a teve compreenderá bem a preferencia e dar-me-á razão.

Pena é que o herói de Marenço, o devastador de patrias, tenha dezenas de estatuas e não haja uma unica erguida ao semi-deus anonimo que dum tronco torto formou o primeiro arado e lavrou a primeira geira.

E agora que já disse a que venho o leitor que me perdoe todas as insuficiencias que for catando na mediocridade bem intencionada e sincera dos meus escritos.

Nisto da jaiza da terra como na outra, na do Mar, os exitos não dependem só da boa vontade das criaturas mas tambem e muito do bom ou mau caris dos elementos. Fazemos portanto o que estiver ao nosso alcance e a respeito de farturas e minguas digamos com as folhinhas: DEUS SUPER OMNIA.

C. de M.

TRATAMENTO DOS PESSEGUIROS

Todos os que têm cultivado pessegueiros têm constatado os estragos duma doença que lhes ataca as folhas enchendo-as de ampolas que as deformam de modo bem visível. Estas deformações são obra dum cogumelo, o *Eoascus deformans*, que se desenvolve na primavera quando esta estação corre fria e humida.

Os primeiros resultados da molestia são a queda das folhas e uma paragem subita na vegetação que quasi sempre traz consigo a seca dos botões e dos frutos vingados.

É possível evitar os danos primaveris deste cogumelo tratando agora as plantas com pulverizações de calda bordalesa assim composta: Para 100 litros de agua 2 quilos de sulfato de cobre, 3 quilos de cal apagada e 30 gramas de caseína.

Executa-se a primeira pulverização e

Plantação racional de fruteiras

A formação dum pomar representa a constituição dum capital importante de valor crescente e proporcional aos cuidados e ciencia que houverem sido empregados na sua plantação.

Para que um pomar dê o rendimento que dele devemos esperar importa, primeiro que tudo proceder a uma escolha rigorosa das especies de fruteiras que o irão compôr.

Esta escolha deverá obedecer a dois pontos de vista: a procura de individuos saos, capazes de se desenvolverem rapidamente e a preferencia dada ás variedades de frutos mais vendáveis no mercado.

A preparação do terreno deve preceder de alguns meses a plantação das arvores.

Suponhamos, neste momento que essa preparação está concluida; que a terra foi devidamente surripiada e adubada e vamos falar por ser faina da ocasião, na plantação racional das fruteiras.

Escolha de arvores saas

A economia nem sempre é uma virtude. Na vida agricola é ela muitas vezes a causa de prejuizos graves e, no caso presente irremediáveis.

Há em todos os mercados arvores baratas que os pequenos lavradores trazem á venda e que depois de maior ou menor demora pelas esquinas das cidades, com as raizes ao léu, são vendidas ao proprietario incauto ou voltam á procedencia para tornarem, dias depois, aos mesmos pontos já engelhadas e meio secas.

Comprar estes individuos é comprometer, antecipadamente, o exito do pomar.

Escolham-se, portanto, as arvores nos viveiros das casas da especialidade para que só exemplares saos vão ocupar na terra o lugar util que lhes compete.

Feita a compra e chegadas as arvores é necessaria ainda uma escolha rigorosa. Apenas abertas as esteiras em que costumam vir acondicionadas examina-se uma por uma.

A casca deverá apresentar-se perfeitamente lisa. Se em alguns individuos se apresentar roçosa é porque a embalagem foi mal feita ou sofreram uma exposição mais demorada ao ar.

Para tornar á vida esses exemplares basta enterrá-los horizontalmente em um rego de 60 a 80 centímetros de fundo cobrindo-os bem de terra e dando-lhes uma rega abundante.

Dez a quinze dias depois desta operação desenterram-se e examinam-se. Comece-se este exame pelo corte de algumas raizes, se estiverem brancas no interior a raiz nada sofreu; se, pelo contrario, o corte mostrar uma cor amarelada ou castanha pode-se até ao saos. Se a casca estiver completamente lisa a arvore voltou á vida e pode ser plantada. No caso contrario, isto é: se as rugas se mantiverem regeite-se a arvore.

Se entre as arvores compradas se encontrarem exemplares com o tronco coberto de musgo ou manchas que deixem supôr que este tivesse sido arrancado já se sabe que o individuo esteve demasiado tempo nos viveiros e é prudente tambem regeitá-lo.

Depois deste primeiro exame veja-se tambem, levantando um pouco a pelicula que cobre o tronco, se por baixo a arvore está bem verde, caso, em vez desta cor, apareça uma cor desbotada ou amarela, deve concluir-se que a planta está doente e portanto pouco apta a enfileirar entre companheiras saas.

É inutil frisar que as arvores têm uma dificuldade de adaptação ao novo terreno tanto maior quanto maior foi o tempo que as suas raizes estiveram

se a arvore não mostra indicios de rebentar pode aumentar-se a dose da cal e do sulfato.

Depois dos primeiros botões terem rebentado não é conveniente continuar as pulverizações.

A este ataque do cogumelo é sempre devida á queda do fruto quando já está formado vindo por vezes em seu auxilio na obra devastadora outro parasita--a Monilia. Para este ultimo inimigo das arvores aconselhamos as lavagens com formol a 2% ou com

lexivia de potassa.

ram ao ar; por isso a grande vantagem será sempre diminuir quanto possivel o tempo deste contacto pernicioso tendo já abertas as covas na ocasião da chegada das arvores.

A «toilette» das arvores

Antes da plantação definitiva é preciso proceder á «toilette» da arvore. Começa-se pelo arranjo das raizes cor-



Deitada a arvore sobre um cavalete...

tando-se com uma podda ou tesoura as que estão partidas ou que foram escalavradas quando se tiraram do viveiro. Este corte das raizes grossas produz sempre um desenvolvimento da cabeleira que é muito util para a alimentação das arvores novas. Os golpes nas raizes devem ser dados em bisel para que tenham maior contacto com a terra em que vão mergulhar.

O todo das raizes deverá ficar reduzido a 20 ou 30 centímetros de tronco. Cortadas as raizes proceder-se-á á poda das extremidades dos ramos que formam a copa da arvore suprimindo



...cortam-se-lhe com a podda as raizes partidas ou escalavradas...

todas as varas quebradas, mal desenvolvidas ou escalavradas, equilibrando assim os orgaos aereos com os orgaos subterraneos da planta. Estes cortes fazem-se sempre acima de um olho e em bisel.

Se houver cortes de maior superficie cubra-se a parte ferida com alcatrão ou pês loiro como para as ençertias.

Feitas estas duas operações deve preceder-se a uma terceira que entre nós é geralmente esquecida conquanto seja da maior importancia para fa-



...deixando os golpes talhados em bisel.

cilitar a vida da arvore nos primeiros tempos do novo «habitat».

Em França chama-se «pralinage» a este trabalho e o termo é bem escolhido por ser identico ao que sofrem as amendoas ao serem cobertas do açucar.

Em uma celha, ou mesmo num buraco aberto no chão, misturem-se umas pásadas de terra com outras tantas de bosta de vaca juntando-se os baldes de agua precisos para ficar uma papa pouco espessa. Feita a mistura mergul-

hem-se as raizes das arvores nesta calda de modo que todos os pelos fiquem bem cobertos. Esta imersão deve durar alguns minutos para que todas as radiculas se refresquem e impreguem.

Esta operação tão simples e tão pouco dispendiosa teia á arvore um trabalho enorme porque põe á disposição dos seus orgaos subterraneos, logo depois de plantada, um alimento já dividido e preparado que as raizes difficilmente podiam elaborar durante os primeiros dias após a plantação visto estarem combalidas com os tratos sofridos desde o arranque do viveiro.

A plantação

Nem sempre se planta um pomar em terra surribada. Embora isso seja sempre preferivel muitas vezes as condições economicas não o permitem ou a natureza do solo não o exige e então forma-se o pomar plantando em covas.

Para isso, é escusado dizer que se principia por medir o terreno e marcar com tanchões o lugar exato de cada cova.

Esta deve ser aberta em quadrado com 1^m ou 1^m,50 de lado e 70 a 80cm. de fundo.

A largura da cova deverá ser proporcional ao desenvolvimento dos individuos a plantar bastando que fiquem 30 centímetros de folga para cada lado depois de colocado no fundo da cova o sistema radical da arvore.

Além disto cada especie tem as suas exigencias com relação á profundidade da plantação e largura da cova. Os numeros seguintes são os que os grandes tratadistas prescrevem: *Pereiras*; cova de 90 de fundo por 1 metro de largo — *Pereiras enxertadas sobre marmeleiro*: 60 a 70 por 1^m a 1^m,20 — *Macteiras*: 70 a 80 por 1^m a 1^m,20 — *Pessegueiros sobre amendoeiras*: 80 a 1^m,0 por 1^m — *Pessegueiros sobre pessegueiro*: 80 a 1^m por 90 a 1^m — *Damasqueiros*, *ameixeiras* 80 a 1^m por 1^m.

Abertas as covas disponha-se junto de cada uma uma porção de terra vegetal ou terrico para cobrir imediatamente as raizes da arvore plantada e amontoe-se nas cabeceiras o resto da terra que se ficou para formar a cova. Esta terra deve ser arejada antes de voltar para onde estava. Se a ideia de formação do pomar não foi repentina será de boa prática abrir estas covas dois ou três meses antes da plantação das arvores.

Chegado o momento da plantação deve escolher-se um dia seco ou antes se o tempo estiver fixe um dia já um pouco distante das ultimas chuvas para que as covas não estejam em lama.

No fundo de cada uma deve formar-se um monticulo ligeiramente conico para servir de encosto ás raizes garantindo a estas o perfeito contacto com a terra. Isto consegue-se bem emborcando no fundo da cova um cesto desses que chamam «de calhan» cheio de terra solta.

Retirando-o, fica um monticulo de terra com a forma desejada.

Uma vez assentes as raizes sobre esse monticulo e assegurado o perfeito contacto destas com a terra segure-se o tronco com a mão esquerda com a direita espalha-se o terrico que se deitou junto da cova sobre as raizes, lentamente e bem peneirado para que penetre bem nos espaços que ficam entre os pelos.

Logo que as raizes ficaram tapadas imprima-se á planta um movimento oscilatorio de alto a baixo para melhor assegurar a distribuição e penetração da terra depois cubra-se com mais alguma terra e calque-se com os pês, sem patinar.

Tratando-se de uma arvore alta e já bastante desenvolvida deverá a sua plantação ser feita por duas pessoas.

Cheia a cova resta regar e colocar o tutor, operações estas tão vulgares e tão simples que dispensam qualquer explicação.

Um ultimo conselho e este com relação ao fecho da cova. Tratando-se de terreno humido deve conservar-se em volta da arvore acabada de plantar um monticulo de terra aconchegada; sendo, pelo contrario, muito seco o terreno deixe-se uma pequena caldeira para receber as aguas da chuva.

LA POR FORA

Uma nova industria

A titulo de curiosidade vamos falar numa nova industria rural que em França vem tomando um grande incremento e se apresenta com características de verdadeira prosperidade. Trata-se da criação, em grande escala, dos caracois para abastecimento dos mercados das grandes cidades da França.

De dia para dia, o consumo destes animalitos sobe com grande velocidade e os horticultores vão pensando a serio na criação e reprodução dos seus antigos inimigos.

As estatisticas revelaram que não bastando a produção nacional a França tinha de recorrer á Suiza para não deixar sem o piteu predilecto os gastronomos de Paris e essa revelação bastou para que se pensasse a serio na industrialização do caracol.

No ultimo ano, só o mercado de Paris consumiu para cima de 400.000 quilos de caracois!

Não admira que esta procura sempre crescente animasse os especialistas e cada dia sejam mais numerosos os parques de criação.

Dois são as variedades procuradas pelos amadores uma destas pertence a grande especie e é o caracol das vinhas, a outra é uma variedade cinzenta que tambem abunda nas nossas terras.

De dois modos se exerce a exploração comercial dos caracois.

A primeira forma e a mais simples mas a menos produtiva, resume-se a armazenar, se assim se pode dizer os caracois colhidos em Agosto e Setembro, nas vinhas e valados.

A segunda maneira é propriamente a criação e reprodução em parque adequados. É mais difficil mas quando o proprietario do parque já tenha adquirido a pratica necessaria para saber escolher os reprodutores e proporcionar aos moluscos as condições necessarias ao seu rapido desenvolvimento é a preferivel.

Não entramos em pormenores porque essa industria não nos parece caoavel do desenvolvimento em Portugal.

A campanha do trigo em Italia

Realizou-se ha pouco em Italia a distribuição feita pelo Governo facista dos premios oferecidos aos lavradores que mais se distinguiram na cultura intensiva do trigo.

O Duce distribuiu diversos premios no valor total de um milhão de liras aos sessenta melhores agricultores.

O concurso visava três categorias de exploração: a grande lavoura, a media e a pequena.

Os premios couberam a lavradores que apresentaram atestados de produções quasi milagrosas o que tira ao concurso uma parte do seu valor pratico visto essas adubações exageradas e esses cuidados excepcionais de cultura não serem compatíveis com uma exploração normal, mas é indubitavel que a emulação produzida por este certames se vêm reflectir beneficentemente na vida agricola da Italia e insuflar energias em muitos proprietarios que não aproveitavam as suas terras por descrerem dos resultados da cultura intensa.

O sal na alimentação do gado

O sal marinho (cloreto de sodio) encontra-se em todas as partes do organismo animal; no sangue, no leite, na carne, nos ovos, etc., sendo além disso um estimulante das funções digestivas e tendo uma acção benéfica e importante sobre o apetite e a nutrição.

Como quasi todos os elementos que normalmente constituem o regime alimentar dos gados são pobres deste elemento é necessario introduzir o sal em quantidade razoavel no racionamento salgando as forragens, as polpas ou as beberagens ou ainda dando-o directamente aos animais na mangedoura junto á razão de grão.

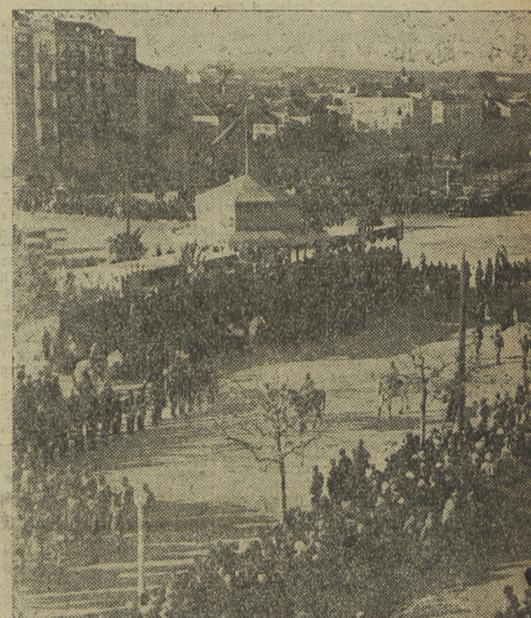
Para as reses adultas, bois ou vacas, a dose diária poderá ser de 50 a 100 gramas, por cabeça, 25 a 30 para os suínos, 5 a 10 para os ovideos e 1 a 2 gramas para os galinaceos.

Para individuos que nunca foram habituados á ingestão do sal deve-se partir das doses mimimas para evitar quaisquer perturbações gastricas no inicio do tratamento.

Foi ontem inaugurado o novo monumento que perpetua a heroicidade da Raça nas campanhas napoleônicas

Ao acto, imponentissimo, assistiram o sr. Presidente da Republica, todos os ministros da Ditadura Nacional, altas patentes do Exercito e alguns milhares de pessoas — Tambem foi brilhantissimo o desfile da guarnição militar de Lisboa

Generais Domingos de Oliveira, Vicente de Freitas, Ivens Ferraz, Hamilcar Pinto, Alves Pedrosa, Vieira da Rocha, Ramos de Miranda, Couto, ajudante general do Exercito; Mendes Cabeçadas, Farinha Beirão, comandante da G. N. R.; Ferreira Martins, Almeida Arz, Alexandre Malheiro, comandante da Guarda Fiscal, Pinheiro Machado, Carrilho e Pulido Machado, comandante da 4.ª Região Militar; brigadeiros Silva Basto, governador Militar de Lisboa; João de Almeida e Magalhães Correia, coronéis Fernando Borges, chefe do Estado Maior do Governo Militar de Lisboa; Lopes Mateus, comandante da P. S. P.; Ferreira da Silva, chefe de gabinete do sr. ministro da Guerra; Bandeira de Lima, comandante de Infantaria 1; Figueiredo, Lobato Guerra, Magalhães Ramalho e Gião, director dos Serviços de Saúde do Exercito; ahnirante Sarmiento Saavedra, comandante general da Armada, comandante Pereira da Silva; tenente coronel João Luiz de Moura, governador civil de Lisboa; major Rato, sub-chefe do Estado Maior do Governo Militar de Lisboa; major aviador Lelo Portela, adido Militar em Paris; dr. Martinho Simões, secretario geral do Ministerio do Interior, tenente Ribeiro, secretario do sr. ministro do Interior, engenheiros Canela de Abreu e Carlos Alves, secretarios do sr. ministro do Comercio, Industria e Agricultura, capitão Pereira Lourenço, director da Policia Internacional; dr. Joaquim Kopke, chefe da secretaria da C. M. L.; major Frederico Viar, comandante dos Bombeiros Municipais e tenente Assis Gonçalves, secretario do sr. ministro das Finanças.



Um admiravel aspecto da cerimonia inaugural do Monumento



Obtido pelo reporter fotografico do «Diário da Manhã»



O Chefe do Estado descerando o Monumento aos heróis da Guerra Peninsular

«Ao povo e aos heróis da Guerra Peninsular» — tal é a legenda que sintetiza em simbolo o novo monumento, ontem inaugurado pelo sr. Presidente da Republica, na cidade de Lisboa, monumento pleno de formosura e que recordará, no dinamismo das suas multiplas figuras, uma etapa gloriosa para o nosso Exercito, para o nosso povo, e para a nossa Terra — etapa gloriosa das campanhas napoleônicas.

Cerimonia de alto e significativo valor patriótico a que ontem se realizou. E bem a compreender o povo de Lisboa — descendente nas virtudes raciaes daquele outro povo que o monumento glorifica — ocorrendo em massa a assistir á cerimonia da inauguração, em que esteve tambem presente um verdadeiro soldado português, o sol da Gloria que illumina aurifugentemente o rosto dos heróis de todos os tempos, na nossa raça sempre nobre, alta e orgulhosa.

Quando as bandeiras e os estandartes verde-rubros passaram desfraldados a tremular ao vento, perante o monumento inaugurado, de novo um frémito de emoção perpassou no ambiente e parece que se ergueu mais alto a figura da Patria, esculpida no bronze, que ergue nas suas mãos a espada de Afonso Henriques — montante que trouxe a nacionalidade.

E quando, finalmente, terminada a cerimonia, começou a romaria do povo que até ao anoitecer não deixou de afluir ao local, evocaram muitos, na linguagem simples que o mesmo povo fala, as historias terrificas que os nossos avós contaram, decorridos nesses tempos — no tempo dos franceses.

Alto valor teve a cerimonia de ontem. Valor patriótico, civico, moral, valor que acalenta as almas e prepara para o futuro o peito sempre forte da gente lusitana.

E brilhantissimo, e imponente, teve tambem o acto inaugural, porque cooperaram nele, estavelmente unidos na mesma commenção de ideais, o povo, o Governo da Ditadura Nacional, os srs. Embaixadores da Inglaterra e Espanha — países que conosco estiveram nessa campanha formidável — presidindo, como atrás dissemos, a figura prestigiosa e veneranda do sr. general Carmona, illustre Chefe do Estado, que só por si encarna todas essas virtudes, glorificadas na legenda: «ao povo e aos heróis da Guerra Peninsular».

Antes da cerimonia o aspecto do local era imponente. Mais alguns nomes de que conseguimos tomar nota, entre a numerosa assistencia.

preendido entre a zona norte da Avenida da República, Praça dos Estados Unidos da America e principio do Campo Grande está coalhado de gente. Gente nos passeios, gente em todas as janelas dos predios vizinhos do local. Sol, um sol claro e radioso illuminando tudo.

Vão chegando, ao toque vibrante dos clarins, os pelotões de alunos dos Pupilos do Exercito, do Colegio Militar e da Escola Militar, com os seus estandartes, a fim de prestarem a guarda de honra ao Chefe do Estado. No lado occidental foram erguidos os pavilhões destinados ás entidades oficiais.

Ornamentam-nos festões de verdura, e trofeus com bandeiras. Uma passeadeira de veludo «genêt» estendendo-se pela escadaria para que passem sobre ella o sr. Presidente da Republica, os membros do Governo, embaixadores, officiaes generaes do Exercito e da Armada, e todas as demais entidades convidadas que vão chegando a pouco e pouco e cujos nomes damos mais adiante.

Junto do monumento um grupo simbolico de militares da época das campanhas peninsulares, com a bandeira policroma, do regimento do 1.º de infantaria.

Cada soldado representa uma das diversas unidades de infantaria e de caçadores que tomaram parte na luita. Vão chegando os ministros, estando presentes, pouco depois, todos os componentes do Governo. Presidente do Ministerio, ministros do Interior, Justiça, Guerra, Marinha, Colonias, Instrução, Negocios Estrangeiros, Obras Publicas e Comunicações, Comercio Industrial e Agricultura.

Estão tambem sir Claude Russel, embaixador da Grã-Bretanha e Don Juan José Rocha, embaixador de Espanha. Chefes de gabinete, secretarios e o adido militar espanhol. Os srs. sub-secretarios de Estado das Finanças e da Agricultura.

Os irmãos Francisco e José de Oliveira Ferreira, autores do monumento. Os componentes da Comissão Executiva daquelle com o seu presidente. Fardas, trajos de cerimonia. Nos locais destinados aos convidados, numerosas e gentillissimas senhoras.

A P. S. P. regula o transitó com impecavel correcção. O monumento está coberto por um grande véu, na parte superior. Chega mais gente e em alguns telhados das casas do Campo Grande há mirões instalados. Cerca das 14,30 chega ainda o sr. general Vicente de Freitas, presidente da comissão administrativa da Camara Municipal com alguns vereadores. Em frente dos pavilhões de honra estão colocadas as bandas de Caçadores 5 e de Infantaria 1. Representam a magistratura os srs. dr. Sousa Monteiro, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e dr. Henriques Gois, Procurador Geral da Republica.

Dirigiram as ceremonias os srs. dr. Vaz Saraiva, chefe do Protocolo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros,

honra do sr. general Carmona, constituida por um grupo de esquadões de cavalaria da G. N. R., caminhando á frente um pelotão em batedores.

O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos da nossa moeda de prata.

Foi então que o Governo organizou a Comissão que havia de se incumbir de comemorar o centenario da Guerra Peninsular.

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos da nossa moeda de prata.

Foi então que o Governo organizou a Comissão que havia de se incumbir de comemorar o centenario da Guerra Peninsular.

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos da nossa moeda de prata.

Foi então que o Governo organizou a Comissão que havia de se incumbir de comemorar o centenario da Guerra Peninsular.

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos da nossa moeda de prata.

Foi então que o Governo organizou a Comissão que havia de se incumbir de comemorar o centenario da Guerra Peninsular.

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos da nossa moeda de prata.

Foi então que o Governo organizou a Comissão que havia de se incumbir de comemorar o centenario da Guerra Peninsular.

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos da nossa moeda de prata.

Foi então que o Governo organizou a Comissão que havia de se incumbir de comemorar o centenario da Guerra Peninsular.

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:



A tribuna de honra, vando-se os srs. Presidente da Republica, presidente do Ministerio, ministros e outras entidades oficiais

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos da nossa moeda de prata.

Foi então que o Governo organizou a Comissão que havia de se incumbir de comemorar o centenario da Guerra Peninsular.

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos da nossa moeda de prata.

Foi então que o Governo organizou a Comissão que havia de se incumbir de comemorar o centenario da Guerra Peninsular.

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos da nossa moeda de prata.

Foi então que o Governo organizou a Comissão que havia de se incumbir de comemorar o centenario da Guerra Peninsular.

«O sr. general Teixeira Botelho, num eloquente discurso, fez entrega do monumento á Camara Municipal de Lisboa

Volvido que foi o sr. Presidente da Republica ao pavilhão de honra, pronunciou o sr. general Teixeira Botelho o discurso seguinte:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica, Srs. Ministros, Meus senhores: Após largos anos de trabalho, por vezes cortado de grandes dificuldades, como as que lhe trouxe a guerra e o seu cortejo de males, inaugura-se hoje o monumento ao «Povo e aos Heróis da Guerra Peninsular» com o que a Comissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular a que tenho a honra de presidir, dá fim ao seu mandato.

Seja-me permitido recordar brevíssimas palavras, que a occasião não consente mais, embora o acontecimento o merecesse, como se geou a ideia desta comemoração.

Em 1907, alguns artigos publicados na imprensa militar lembaram que se completava um século que o País tinha sido convulsão por acontecimentos tão indelevelmente gravados na alma e na memoria do povo, que a tradição os trouxe até os nossos dias, ainda nas mais recônditas aldeias da terra portuguesa, por vezes fantasiadamente alterados.

No país visinho apparecia igual suggestão, recordando-se, a par de acontecimentos tragicos, os dias gloriosos de Baylon, do Saragoça, de Cadiz. A Imprensa perflhou a ideia, dando-lhe aquele vigoroso alento que só dá á espada de dar ás ideias, e tanto bastou para que logo, dum extremo a outro de Portugal, viessem as adesões, os elvites, os incentivos, fazendo crescer dia a dia, até tomar o vulto duma obrigação nacional, o que a principio fôra apenas a aspiração e o sentimento dum desejado numero.

Restava dar corpo á ideia, por outras palavras, restava que apparecesse alguém que lançasse mãos á obra da consagração e realizasse os fundos precisos para o seu custo. Da obtenção dos fundos incumbiu-se um entusiasta, o moço official, o capitão de E. M. Francisco Xavier Correia Mendes, que a Comissão tem a alegria suprema de ver aqui a seu lado, a assistir á inauguração deste monumento, de que lhe pertence tambem grande parte, Valendo-se da sua situação de deputado da Nação, apresentou ao Parlamento, que logo a votou por aclamação, uma proposta para que se destinasse á comemoração dos acontecimentos da Guerra Peninsular, o produto liquido da amodação de trezentos contos

Conquistador



Papel de fumar

Marca Universal

Um mau tabaco, com um bom papel faz um bom cigarro

CONQUISTADOR
O MELHOR PAPEL DO MUNDO
Souza & Ribeiro L.
Rua da Madeira 150—PORTO
Depositar em Lisboa
J. FERREIRA D'ALMEIDA
Praça Duque da Terceira, 24

MANILHAS DE GRÉS
das fábricas da
Comp.ª das Fábricas
Cerâmica Lusitana

Sede-Rua do Arco do Cego, 88
Lisboa. Fábricas em Lisboa, Arraiolos, Albarraque e Coimbra
Deposito no "Perc-R. do Almada, 249 a 253

CARTA de BRAGA

DA CUNHA DIAS

A MAÇONARIA EM PORTUGAL

Pedidos á

PENINSULAR, Ld.ª

Rua da Vitoria, 55—Lisboa

Envia-se franco de porte

contra reembolso

PREÇO 7\$50

Representante
ELECTROLUX RUA DA CONCEIÇÃO, 125
Telef. 28246

Tubos

«Sá»

nunca são CANUDOS

NOTA DO DIA

A homenagem que a cidade de Braga está a prestar ao sr. dr. Alberto Cruz tomou já uma grandeza de tal ordem que bem merece ser considerada no seu alto e belo significado e na sua importância.

É fora de toda a dúvida que estamos em face de um acontecimento que sai dos moldes habituais e que encerra em si mesmo uma afirmação profundamente salutar.

Raciocinemos, pois, sobre ela. Raciocinemos, observemos e concluamos.

As listas da subscrição para a compra das insignias que a cidade vai oferecer ao dedicadíssimo bracarense, têm sido cobertas, não só pelo escol de Braga nos diferentes ramos da actividade, mas também por um numero de pessoas que já excede as melhores previsões.

Individualidades da maior categoria social, como autoridades civis, militares e eclesiásticas, nobres, magistrados distinctissimos dos tribunais superiores, escritores, médicos, advogados, funcionários publicos, grandes e pequenos industriais, grandes e pequenos comerciantes, capitalistas, etc., todas têm manifestado e dado o seu apoio á referida homenagem, inscrevendo-se na subscrição com importancias consideráveis.

Notámos ainda, o caracter expon-

taneo desse apoio e a forma intensamente simpática, e ás vezes carinhosa, que ele tem revestido.

Como varias pessoas têm ponderado, justamente, não há memoria que uma subscrição desta natureza attingisse num prazo tão curto uma importancia moral tão grande.

Que prova isso? Em primeiro lugar prova que a nossa terra reconhece os muitos e bons serviços que o sr. dr. Alberto Cruz lhe tem prestado, sacrificando os seus interesses para defender os dela.

Em segundo lugar prova que o distincto clinico tem a simpatia da cidade e da Ditadura que reconhece nele um fervoroso defensor, um nacionalista sincero.

Em terceiro lugar prova que existe em Braga um facto novo, uma nova mentalidade perfeitamente integrada nos principios admiráveis de um são regionalismo.

Efectivamente ninguém desconhece que desde há muito corria o lugar comum da nossa terra ser madrastra para os seus filhos e mãe para os estranhos.

A propósito desse lugar comum teciam-se as maiores fantasias, nitidamente desfavoráveis á cidade. Em rigor não havia defeito que se lhe não assacasasse, desde mexeriqueira a retrograda. Os bracarenses, no todo, eram responsabilizados por tudo o que se fazia e por tudo o que se não fazia. No entanto, a grande massa, aquilo que podia ser considerado a cidade, possuía as melhores qualidades e até extraordinárias condições para vencer no dominio da intelligencia e da acção. A culpa dos defeitos e erros que se viam e notavam não lhe pertencia directamente, mas apenas a uma meia dúzia de pessoas, a uns reduzidos grupos de pseudo-orientadores que tomaram conta dos lugares de comando e que não eram, na sua maioria, naturais de Braga.

E como não eram naturais de Braga e não tinham dado ao menos os mais leves sentimentos de gratidão para com uma terra que os tratava bem, difamaram-na por todos os lados, quer por actos, quer por palavras.

A homenagem ao sr. dr. Alberto Cruz, tomando a grandeza que já tomou, vem dizer-nos que Braga principia a ter a consciência do seu valor, das suas conveniências e até das suas necessidades.

A exaltação do magnifico esforço do sr. dr. Alberto Cruz é a exaltação de um homem que tem posto as suas faculdades de trabalho, de iniciativa e de animador ao serviço da Grey. Mas é também e para mim sobretudo, a exaltação de um bracarense, de um filho desta cidade, a exaltação do espirito regionalista numa das suas mais belas facetas.

Pouco a pouco, pois, Braga vai readquirindo a sua antiga personalidade, reformando velhos lugares comuns, de tristes e deploráveis consequências, morais e sociais.

Se queremos que ela continue a progredir necessitamos de continuar, sem entusiasmos loucos e sem desfalecimentos, com firmeza e serenidade, o espirito reformador que temos defendido e constituído, nesta hora solene, o germe seguro do nosso renascimento.

Tal é, em rápidas notas, as conclusões salutaras e profundas que em si mesma contem a homenagem ao sr. dr. Alberto Cruz.

VARIAS NOTICIAS

BRAGA, 7.—Cerca das 14.30 horas, quando trabalhava na reconstrução de uma casa que fica defronte do novo matadouro, a Maximinos, caiu de uma altura aproximadamente de 10 metros o carpinteiro Inácio Rodrigues da Silva, de 45 anos, residente na freguesia de Martim, concelho de Barcelos.

O Inácio Rodrigues, que em consequência da queda sofreu, além de um extenso ferimento na cabeça, uma forte comoção cerebral, foi conduzido ao Hospital de S. Marcos, onde ficou internado para tratamento.

Foi enviada ao tribunal uma queixa na qual Adelaide Rodrigues, servicial, da Rua da Cruz de Pedra, acusa João Teixeira, residente no mesmo prédio por ela habitado, de um roubo de 50\$00.

O chefe Pinho Beato, da P. I. C., ouviu hoje mais uma vez aquele celebre Porfirio Ferreira, «o do Anjo», que se encontra preso por ter, conforme já relatámos, assaltado o Café Viana, da Arcada, e a Confeitaria Ferreira Capa, da rua Candido dos Reis.

O pequeno mellante declarou neste interrogatório que se não o tivessem capturado teria já posto em prática o projecto de assalto á Merceria Afonso, da rua dos Capelistas.

Na segunda-feira o Porfirio deve ser enviado ao tribunal. Ficará desta vez a bom recato ou voltará a ser posto em liberdade, para continuar as suas proezas?

Por alvará de hoje o chefe do distrito exonerou o actual regedor efectivo da freguesia da Vilaça, des-

te concelho, José Gomes da Cunha, sendo nomeado para o substituir no cargo o sr. Manuel Gomes Martins da Cunha.

Na enfermaria de S. Lazaro do Hospital de S. Marcos deu entrada a lavradeira Delyna da Silva Graça, de 38 anos, residente no lugar da Regueira, freguesia de Rendufinho, concelho da Povoa de Lanhoso.

A Delyna da Silva há cerca de 15 dias que ficou de baixo de um carro de lavoura que na occasião estava a ser carregado com mato, tendo, em consequência do desastre, ficado com a perna esquerda fracturada.

Levada pelos conselhos de certos curandeiros tratou a fractura com «mezinhas», até que, reconhecendo que o seu estado se agravava, deliberou internar-se no Hospital daquela vila.

Na P. I. C. queixou-se, ontem, o armador José Dias da Costa, residente na freguesia de Tibães, contra os seus vizinhos Domingos Gonçalves da Silva e José Gonçalves da Silva Macedo, respectivamente, pai e filho, arguindo-os de, por volta das 20 horas do passado dia 5, terem o primeiro pretendido agredir á facada um filho dele, queixoso, de nome José Dias da Costa Macedo, e o segundo de ter dado a sua mulher, Rosa Duarte Macedo, um encontrão que a prostrou no solo, provocando-lhe contusões pelo corpo.—C.

Companhia Colonial de Navegação

Carreira rapida da Costa Ocidental e Oriental

Paquete

Mouzinho

sairá no dia 12 de janeiro pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:

Funchal, S. Tomé, Loanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e com baldeação para os outros portos da Costa Oriental.

AVISO IMPORTANTE:— Avisam-se os Snrs. Carregadores de que a carga destinada aos portos de Africa, que já se encontra visada, pode ser embarcada ou posta no nosso caes até ás 20 horas do dia 10, sem pagamento de sobre-taxa, mediante o visto do Conselho Arbitral nas respectivas ordens de embarque. A carga visada depois do dia 6 até á data da saída sofre o aumento de 20 %.

Carga e passagens para o Funchal são fornecidas até ao dia da saída.

Carreira rapida da Costa Ocidental

Vapor

Pungue

sairá no proximo dia 18, pelas 16 horas, recebendo carga para:

S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Ambriz, Loanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela.

AVISO IMPORTANTE:— A carga para embarque destinada aos portos de Africa deve estar no nosso caes ou á Lorde, até ás 20 horas da ante-vespera do dia da saída do vapor, salvo quando a ante-vespera for domingo ou feriado, recebendo-se neste caso até ao meio dia da vespera.

Trata-se nos escritorios da COMPANHIA 3311

LISBOA:— Rua do Instituto Vergilio Machado, 14 (Telefone 2.0051).

FORTC:— Rua do Infante D. Henrique, n.º 5 (Telefone 2.342)

De Aveiro ou Espinho a Vizeu pelo Vale do Vouga

é «uma viagem que nunca mais se esquece». Preços de 1.ª classe inferiores aos da antiga II classe—

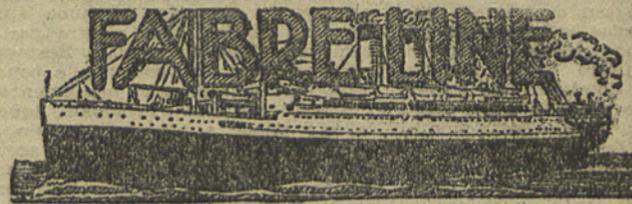
POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

TELEF. 2 6519

Dr. Armando Narciso—Medicina, coração e pulmões—A's 5 horas.
Dr. Bernardo Vilar—Cirurgia geral, operações—A's 5 horas.
Dr. Miguel de Magalhães—Rins e vias urinarias—A's 10 horas.
Dr. Correia de Figueiredo—Pele e sífilis—A's 6 horas.
Dr. R. Loff—Doenças nervosas, electroterapia—A's 3 horas.
Dr. Mario de Matos—Doença dos olhos—A's 2 horas.
Dr. Mendes Bello—Estomago, figado e intestinos—A's 4 horas.
Dr. Filipe Manso—Doenças das creanças—A's 14 horas.
Dr. Casimiro Afonso—Doenças das mulheres e operações—A's 2 horas.
Dr. Francisco Calheiros—Cargante, nariz e ouvidos—A's 3 1/2 horas.
Dr. A. de Carvalho Dias—Doenças da nutrição empaludismo—A's 4 horas.
Dr. Armando Lima—Bôca e dentes, protese—A's 12 horas.
Dr. Aleu Saldanha—Raio X—A's 4 horas.

ANALISES CLINICAS



S/S «ROCHAMBEAU»

(da Cie. Gle. Transatlantique)

Optimas acomodações para passageiros de «cabine» e 3.ª classe

Para VIGO E HAVRE

Em 22 de Janeiro

Para NEW-YORK (Directo)

Em 10 de Março

Vapores de carga:

Para Valencia, Barcelona e Marselha

Em 12 de Janeiro o vapor

«INGRIA»

Para New-York e Philadelphia

Em 18 de Janeiro, o vapor

«ESTRELLA»

GREY, ANTUNES & C.ª, Lt.ª

Agentes Gerais em Portugal

4, P. do Duque da Terceira

TELEFONO 22271/2

Cronica de Lisboa

A OBRA DA DITADURA

Gremios regionais

A inauguração de uma nova estação postal

MORTE SUBITA—Perto da estação da Cruz Quebrada, foi encontrado caído um individuo cuja identidade se desconhece aparentando ter 50 anos, chegando já morto ao Hospital de S. José, pelo que, depois de verificado o óbito, foi removido para o Necrotério.

O PERIGO DAS ARMAS DE FOGO—Em Venda do Pinheiro quando o menor de 16 anos, Ildio Ramos, ali residente, andava a caça, rebentou-lhe a espingarda nas mãos ficando gravemente ferido no rosto, pelo que recolheu ao Hospital de S. José.

CADAVER POR IDENTIFICAR—No Hospital dos Capuchos faleceu aquele homem que ante-ontem ali dera entrada por ter sido encontrado caído na Avenida Sacadura Cabral, continuando ainda a ignorar-se de quem se trata.

QUEIMADO COM AGUA A FERVER—Recolheu ao Hospital de S. José muito queimado no ventre, Antonio Marques, de 17 anos, engraxador, residente na rua do Norte, 35, que ali foi atingido com água fervente.

ATROPELAMENTO—Na estrada da Amadora foi colhido por um automóvel um individuo que parece chamar-se Ernesto Cesquilho e residir na Quinta do Pinheiro, na Amadora, o qual, transportado ao Hospital de S. José, recolheu á Sala de Observações daquele estabelecimento em estado gravissimo.

QUEDA—Por ter dado uma queda na sua residencia fracturando um braço recolheu ao Hospital de S. José o pintor Manuel Pedroso, de 49 anos, morador na rua Rui Barbosa, A. P.

CADAVER Á TONA DE AGUA—Ontem, de manhã, foi encontrado a boiar na doca de Alcântara o cadáver do menor de 9 anos, Antonio Mário de Matos, filho de Maria dos Anjos Soares e de Manuel Joaquim de Matos.

O caso foi comunicado ás autoridades que averiguaram ter o pequeno desaparecido da sua residencia, na travessa dos Cegos (á Praça das Flores), no passado dia 31 de Dezembro e que a sua morte deve ter sido causada por desastre.

RELIGIÃO

CRONICA DO DIA—Reza-se do IV Dia «infra octavam». Missa com 2.ª oração do domingo anterior, 3.ª «Deus, qui salubris», «Credo», Prefácio, etc., como no dia festivo. Rito semi-duplex, paramentos brancos.

LAUSPERENNE—Está na Igreja paroquial de S. Julião.

ACTOS DE CULTO—Sé, ás 12, missa.

S. Julião, ás 11, festa aos Oragos da paróquia—S. Julião e Santa Basília—por instrumental, pregando o dr. Martins Pontes; ás 18, «Te Deum». Sacramento, ás 9, missa aplicada pelas Almas do Purgatório.

S. Francisco (a Jesus), ás 9, oração mental e benção.

CAPELA DA CONCEIÇÃO (A CARREIRA)

Por ocasião da recepção do Sagrado Lausperenne, têm lugar no corrente mês, neste templo, as solenidades seguintes:

Dia 14, ás 10 horas, missa rezada e comunhão geral; ás 11, festa á Senhora de Lourdes, por musica e sermão; ás 20, sermão, ladainha e «Te Deum». Dia 15, ás 9,30, missa e comunhão geral; ás 11,30, festa á Imaculada Conceição, seu Orago, por musica; ás 20, ladainha e «Te Deum». Sermão de manhã e de tarde. Dia 16, ás 10, missa e comunhão; ás 11, festa ao Coração de Jesus, por musica, sermão, «Préces» e reposição do Santissimo.

PAROQUIAL DA CONCEIÇÃO (NOVA)

As Servitas da Senhora de Fátima mandam celebrar, nesta freguesia, no mês corrente, as seguintes festas:

Dias 10, 11 e 12, pelas 19,30 horas, «Tríduo», por musica, com exposição do Santissimo e sermão pelo prior Sousa Ramalho. Dia 13, ás 10, missa solene e comunhão geral; ás 19,30, sermão pelo mesmo eclesiástico, ladainha, «Te Deum» e procissão das velas.

NA CANTINA ESCOLAR DO LICEU MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

realiza-se hoje uma sessão de homenagem á respectiva gerente

Vai para três anos que no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, a professora daquele estabelecimento de ensino, sr.ª dr.ª D. Maria João Lopes do Paço, se propôs dar incremento á Cantina Escolar do mesmo, de modo a conseguir que todas as alunas dela tirassem o máximo proveito.

A acção inteligente e carinhosa posta ao serviço de tal iniciativa pela referida professora impôs o seu nome á simpatia e apreço, tanto das suas alunas e respectivas familias, como de todas as suas colegas.

E' expressão inegável dessa simpatia, a homenagem que hoje, pelas 12 horas, se realizará no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.



Na inauguração da estação do Tojal (Arouca). A assistência ao sair da sessão solene no salão da Escola Primária de Chaves

AROUCA, 8.—No dia 1.º realizou-se no lugar do Tojal, deste concelho, a inauguração da nova estação do correio, recentemente criada.

Sendo este melhoramento uma velha aspiração dos habitantes da freguesia de Chave, quiz o povo associar o seu mais vivo entusiasmo á festa da inauguração que despertou uma vibrante e grata manifestação popular dum povo esquecido durante largos anos dos Poderes Publicos e agora vibrante de agradecimento ao Governo da Ditadura.

Para a realização do acto inaugural vieram de Lisboa, Porto e Aveiro alguns categorizados funcionarios dos Correios e Telegrafos, os srs. Cipriano Roberto dos Santos, chefe de divisão da Administração Geral dos Correios e Telegrafos e como delegado especial do sr. Administrador Geral, Humberto Tavares Correia, inspector dos Correios e Telegrafos, e o sr. Pimenta, chefe da estação telegrafo-postal de Oliveira de Azemeis.

O povo de Chave e muitas pessoas das povoações circunvizinhas aguardaram a chegada dos ilustres visitantes no lugar do Chão de Ave, sendo á sua chegada queimados muitos foguetes e entusiasticamente saudados, organizando-se então um cortejo até ao salão da escola official da freguesia de Chave.

No salão da escola realizaram-se os cumprimentos de boas vindas e discursou por parte do povo o sr. P.

Tavares de Almeida que enalteceu a importancia da nova estação do Tojal como exemplo dum bem orientado e criterioso bairrismo.

Saudou as autoridades dos Correios ali presentes e fez ainda oportunas considerações, salientando a obra dos Correios quando confiada a uma corporação excelentemente disciplinada.

Falou depois o sr. Roberto dos Santos, o mais categorizado funcionario ali presente, que salientou a importancia dos serviços postais, apresentando interessantes dados estatísticos que mostraram á numerosa assembleia os relevantes serviços dos Correios rurais; finalmente falou o sr. professor Abilio Teixeira da Silva que fez um interessante discurso de apologia á instrução popular.

A sessão foi encerrada com o Hino Nacional executado pela banda musical de Cabeças e acompanhado pelas crianças das escolas.

Organizado de novo o cortejo, dirigiram-se os ilustres convidados para o edificio da nova estação do Tojal, onde foi servido um «Porto de Honra» que deu pretexto a numerosos brindes em que foram lembrados com viva admiração os nomes de Sua Ex.ª o Presidente da Republica, Chefe do Governo, ministro das Obras Publicas e administrador geral dos Correios e Telegrafos.

Em seguida foi inaugurada a estação, sendo o sr. Bizarro, chefe distrital, quem colocou a nova caixa no frontespicio do predio. O povo rom-

peu em aclamações e, feito silencio, o sr. Roberto dos Santos fez um vibrante discurso, enaltecendo o bairrismo que visa o progresso e o desenvolvimento das terras.

Findo o discurso, é hasteada a Bandeira Nacional ao som da «Portuguesa» e novas aclamações ao Governo da Ditadura com «vivas» á Corporação dos Correios, sendo vivamente aclamado o sr. ministro das Finanças, como o maior amigo dos contribuintes de Arouca.

Estas festas nasceram simplesmente do entusiasmo duma população agradecida que sentidamente rejubilou ao reconhecer a realização de um melhoramento de interesse geral; porém o *revitalho* não parece compreender um tal entusiasmo e estranha-o em certa carta, que finge uma moralidade mais destinada á fins reservadas...

De resto a importancia do melhoramento que se verifica na criação da nova estação do Tojal só pode ser apreciada pela população a quem profundamente interessa e não a *anonimos* que mascaram uma opinião sem coragem para a responsabilizar.

Vamos fechar estas considerações com um vivo agradecimento ao *Diario da Manhã* pela boa vontade que vai dispensar a este relato, associando-se, assim, ao bairrismo duma população que ha muito vem dando provas de actividade a bem do seu progresso, embora infelizmente, contrariadas e incompreendidas por alguns que mais as deviam compreender.

Associações

CIENTIFICAS

SOCIEDADE ODONTOLÓGICA PORTUGUESA—Reuniu a assembleia geral da Sociedade Odontológica Portuguesa para a discussão do relatório e contas do exercicio findo e eleição dos novos corpos gerentes, tendo sido aprovado por aclamação o referido relatório.

Os novos corpos gerentes para o ano de 1933 são os seguintes:

Assembleia geral—Presidente, Clarimundo Emilio; vice-presidente, Simões Balão; 1.º secretário, Heitor de Carvalho; 2.º secretário, Teodoro A. Cesar.

Direcção—Presidente, Acurcio de Campos; vice-presidente, Satorio Paiva; tesoureiro, Antonio V. Guerreiro; bibliotecário, Luiz Almeida Pacheco; secretário geral, José Aguiar Severino; 1.º suplente, Brum da Silveira; 2.º suplente, Carlos Costa.

Conselho fiscal—Presidente, Acácio A. Nunes da Silva; 1.º vogal, José de Sousa Pereira; 2.º vogal, Antonio Victor de Almeida; 1.º suplente, Paulo M. Nunes da Silva; 2.º suplente, Ernesto dos Santos.

DE CLASSE

DO PESSOAL MAIOR DOS CORREIOS E TELEGRAFOS—Nos termos do artigo 46.º dos estatutos convocou a assembleia geral e reunir na próxima segunda-feira, dia 9, pelas 21,30 horas, na sede da Associação, com a seguinte ordem da noite:

Eleição dos corpos gerentes para o ano corrente.

COOPERATIVA DE EMPREGADOS COMERCIAIS—Reuniu no dia 7 do corrente, na sala dos Bombeiros V. de Lisboa. Depois de aprovar as contas e relatórios, resolveu dissolver-se e entregar todos os assuntos á comissão liquidatoria, com quem todas as entidades se podem entender.

SINDICATO ÚNICO DOS OPERA-

RIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE LISBOA—No salão deste Sindicato realizou-se ante-ontem uma festa a favor de Augusto Emilio Pereira, que se encontra bastante doente.

O programa constou de cantos de fados, por varios cantadores, acompanhados por conhecidos guitarristas. Dirigiu a festa o popular poeta, José Marques (René).

LUTUOSA DOS CAIXEIROS VIAGANTES—Na sua sede, rua dos Correios, 101-2.º, reuniu no sábado pelas 21 horas a assembleia geral da Lutuosa dos Caixeiros Viajantes que discutiu e aprovou o relatório e contas da Direcção de ano findo e elegeu para a comissão administrativa do ano presente os srs. Mario de Carvalho, presidente; Raul de Sousa Elos, secretario e mestre Ramos, tesoureiro.

COMERCIAIS

DAS CASAS DE PASTO E VENDEDORES DE VINHOS EM LISBOA—Na sede desta colectividade realizou-se no dia 4 do corrente uma assembleia geral para a eleição dos corpos directivos para o ano de 1933, que deu o seguinte resultado:

Assembleia geral—Presidente, Antonio Conde Fresco; vice-presidente, José Lopes Flores Sobrinho; secretários: José Marques de Almeida e João Antão Baptista.

Direcção—Presidente, Antonio de Carvalho Correia; secretário, José Lopes da Silva; tesoureiro, Manuel da Cruz Salgueiro; vogais: Joaquim Nunes Henriques e José Jerónimo Lopes. Suplentes: Firmino Henriques de Campos, Antonio F. da Costa Fortunias, João Marcelino da Silva, Vicente Henriques Veras e João Manuel Afonso.

Conselho fiscal—José Pereira Duarte, João Simões Travassos e Fernando Rodrigues. Suplentes: Antonio Simões Porto e João Pereira Estalva.

«CASA DO ALGARVE»—Realizou-se pelas 15 horas a anunciada «matinée», que esteve concorridissima, como é costume nas festas realizadas nesta «casa regional».

TRAS-OS-MONTES—Festa para os filhos dos trasmontanos pobres—Realizou-se ontem, pelas 15 horas, no Gremio de Trás-os-Montes, a festa dedicada aos filhos dos trasmontanos pobres, aos quais foram distribuidos artigos de vestuario, brinquedos e bolos.

Na parte artistica da festa colaboraram apenas crianças, filhos de sócios do Gremio, que proporcionaram aos seus comprouvianos menos afortunados um carinhosa festa infantil.

A festa foi iniciada por uma pequena palestra de saudação aos comprouvianos pequeninos, pelo menino Manuel de Sousa Dias Ferreira Deusdado, seguindo-se varios numeros de recitação e musica pelos meninos Armando Saraiva; Antonio Gama Ochôa, Maria Luiza e Margarida Pimentel Saraiva; Maria Antonia, Maria Alice e Maria Irene de Sousa Dias Ferreira Deusdado.

Os filhos dos trasmontanos pobres tiveram também, arvore do Natal com brinquedos iguais áqueles que foram distribuidos aos filhos dos sócios do Gremio.

DOS AGORES—Na sede deste Gremio realizou-se ontem, á tarde, um «chá á americana», que decorreu no meio de grande entusiasmo.

Houve várias surpresas, tendo-se dançado animadamente até á noite.

GREMIO ALENTEJANO—Este Gremio realizou ontem a habitual «Tarde Alentejana», de encantadora série de «solrés» de arte que aquilo colectividade está realizando.

No próximo dia 14, ás 21 horas, realiza-se uma conferencia, pelo sr. Victor Santos, sob o tema: «Camões, o Poeta máximo», e ás 23 horas um serão de arte no qual toma parte grande numero de artistas e amadores.

FESTA ESCOLAR

Na Escola Primária n.º 67, na Ameixoeira, realizou-se ontem a abertura da exposição de trabalhos manuais dos alunos.

Durante a sessão solene, com que se comemorou o acto, foram distribuidas roupas e calçado ás crianças que frequentam a escola.

A exposição foi visitada durante todo o dia e muito admirados os trabalhos expostos.

MARINHA

Passou ontem a meio armamento a canhoneira «Bengo».

Foi adiada a partida dos oficiais que vão para Mocimbope servir no cruzador «Republica», para o dia 12 do corrente.

Arti

O melhor produto alemão para tingir em casa
RESISTENTE A LUZ E NA LAVAGEM
Depositerio geral
JOSE NUNES COELHO
112, Rua Francisco Sanches, 120
— LISBOA —

ELEGANCIAS CINEMA PELO TEATRO

CARLOS DE VASCONCELOS E SA

Continua sendo grande o interesse entre as pessoas da nossa primeira sociedade pelo estado de saúde do nosso camarada de trabalho, sr. Carlos de Vasconcelos e Sá, que ainda se encontra em tratamento no Hospital Escolar de Santa Marta.

Entre outras pessoas estiveram ali: Conde dos Arcos, D. Maria de Almeida Cayola, Antonio Tavares, D. Francisca Garrido de Lacerda, Antonio Stubbs de Lacerda, Menezes e Vasconcelos, João Raff Torres de Carvalho, Gastão Benjamin Pinto, D. Julia Tedeschi Bettencourt, D. Olga Tedeschi Bettencourt, Leopoldo Humberto Drumont Ludovice, D. Meia de Mousinho de Albuquerque, Manuel Nunes, dr. Felix Ribeiro, Alfredo Lamas, Honoreto de Melo Lobo de Silveira Sepulveda, Eduardo de Castro Pereira, dr. Luiz Queriol Macieira, D. Maria Campeão de Melo e Castro Esteves de Briso, Guilherme de Ayala Monteiro, Eugénio Augusto de Moura Coutinho de Almeida de Eca, D. Maria de Lourdes de Melo e Castro, D. Maria do Carmo de Noronha Huson, D. Maria do Carmo de Avelar Pinto Tavares, dr. Antonio Carlos Cardoso de Lemos, D. Herminia Cunha, Antonio dos Santos Mendonça, D. Alce Aisberg de Mendonça, J. Nobre de Carvalho, Edmundo Santos, etc.

CASAMENTOS

Pela sr. D. Palmira Gomes da Silva Lopes foi pedida em casamento para seu filho José, a sr. D. Maria Amélia de Lancastre Freitas, gentil filha da sr. D. Amélia de Lancastre Freitas e do sr. José Marques de Freitas.

A cerimónia deve realizar-se ainda este ano.

DE VIAGEM

De Valdigem partiu para Alegria o sr. Alvaro Ferreira Pontes.

Seguiu de Mirandela para Franzilhal a sr. D. Marcela da Costa Pinheiro.

Regressou de Moncorvo ao Porto o sr. Ernesto Felipe.

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.ªs: D. Isabel de Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. Maria Cláudia de Ataíde Malafaya de Vilhena, D. Isabel Luz (Coruche), D. Maria José de Mendonça, D. Maria Emilia Pinto Coelho, D. Elisa de Carvalho Ramos e D. Guilhermina Antunes.

E os sr.ªs: D. Gonçalo de Melo Breyner (Mafra), Caspar Felção de Barbosa e Bourbon (Azevedo), dr. José de Anclães Proença, Fernando Street Cauters, Diogo de Melo (Cartaxo) e Alvaro Ferreira Pinto Basto.

O programa da Agencia H. da Costa, hoje, no Central

A Agencia Cinematografica H. da Costa apresenta hoje, no Central, uma linda cine-opereta que vai constituir, tanto pelo seu interessantissimo argumento, como pela sua magnifica realizção e interpretação, um exito notavel, tal como tem acontecido lá fóra.

Queremos referir-nos ao fonofilme da U. F. A. «Eu de dia e tu de noite».

Baseado num entrecho simpatico, no qual a nota sentimental se mistura ás mais comicas situações, «Eu de dia e tu de noite», que é um filme de Erich Pommer, o mais categorizado dos produtores europeus, tem a interpretação de um grupo de excelentes artistas dos quais se destacam Kate de Nagy, a encantadora interprete de «Ronny» e «Loucura de Monte Carlo», Fernand Gravey, o notavel comediante francês que ainda ha pouco, em «Cabeleireiro de senhoras», nos deu uma curiosissima interpretação, assim como Jeanne Cheirel, que neste filme tem uma actuação magistral.

Com todos estes elementos de atracção, «Eu de dia e tu de noite» vai, certamente, fazer no Central uma carreira brilhante.

Cine Gimnasio

Mais uma vez, ontem, o Cine Gimnasio exgotou a sua lotação, affluindo, ali, na «matinée» e á noite, muitas das melhores familias da nossa sociedade.

Hoje voltam a repetir-se os engraçadissimos filmes «Laurel e Hardy em Marrocos», a farsa das gargalhadas ininterruptas e «A ultima noite», uma comedia espirituosissima, que faz, tambem, rir a valer.

CARTAZ

S. LUIZ—A's 21—«Viagem de Nupcias».
TIVOLI—A's 21—«Congorilas».
GINASIO—A's 21,15—«Laurel e Hardy em Marrocos» e «A Ultima Noite».
CENTRAL—A's 15,30 e 21,30—«Eu de dia e tu de noite».
CONDES—A's 21,15—«Um filho da America».
OLIMPIA—Das 14,30 ás 24—«Ricardito e os Mexicanos».
Dias.

CHIADO TERRASSE—A's 21—«Uma hora contigo».
ROYAL—A's 21,30—«A Ultima Noite» e «Laurel e Hardy em Marrocos».
ODEON—A's 21—«Fascinação».
LYS—A's 21,30—«Uma hora contigo».
PALACIO—A's 21,30—«Fascinação».
CAPITOLIO—A's 21—Teatro e Cinema.
PARIS-CINEMA—A's 21,15—«Anny na Escola».
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.
CAMPOLIDE CINEMA—A's 20 e 22—«Maria do Mar».
EDEN CINEMA—A's 20 e 22—«Maria do Mar».
PALATINO—A's 21,30—«A Condessa de Monte Cristo».
NACIONAL—A's 21,30—«Fascinação».
TRINDADE—A's 21,30—A comedia «Solteira ou Casada?».
POLITEAMA—A's 20,45 e 22,45—A revista «De capa e batina».
AVENIDA—A's 21,30—«A comedia «O noivo das Caldas»».
APOLO—ás 20,45 e 22,45—A revista «Pé Descalço».
VARIADADES—A's 21 e 23—A farça musicada «Desculpa, ó Cactano».
COLISEU—A's 21—Grande Companhia de Circo.
JARDIM ZOOLOGICO—Exposição de animais raros.

PANO DE FERRO

Teatro chinês em Macau

Ha meses de regresso de Macau, o capitão A. M., herdeiro dum nome a quem o teatro muito deve e ele mesmo um apaixonado do nosso movimento cénico, contava-me num dos intervalos de não sei já que mexerofada boulevardeira da actuação de companhias chinesas em Macau.

E narrava-me, com pormenores dum suggestivo interesse, que traem uma fina e inteligente observação, o espectáculo inedito e curioso para um europeu, do desenrolar dessas longas e pitorescas representações.

Ora, a verdade é que esses espectáculos têm em Macau uma velha e enraizada tradição e pena é que só episodicamente, tenhamos conhecimento dela através duma conversa desgarrada e apressada ou de meia duzia de notas vagas e rapidas de alguns raros escritores portugueses.

Em compensação num documentado e erudito estudo de Paglicci Brazzi, editado em Milão em 1887 e intitulado «Teatri e spettacoli dei Popoli orientali» encontro subsídios curiosos alguns dos quais, aproveito o ensejo de arquivar.

Naquelle tempo vinham a Macau, anualmente, varias companhias que traziam no seu repertorio uma vintena de dramas. As despesas com estas exhibições orçavam então por uns 6.000 dolares (ou 37.500 francos ao par) e dividiam-se entre a numerosa população de mercadores e artifices, além do subsidio do Leal Senado.

Curiosissimas e dum sabor verdadeiramente oriental as denominações dessas companhias: «Perfume celeste», «Arte dos deuses», «Jardim dos três perfumes», etc. São em geral pouco numerosas: compõem-se, no maximo, de umas dez figuras quasi sempre masculinas. As mulheres raramente se exibiam nas companhias ambulantes até 1911.

Substituem-nas jovens ou eunucos, de andadura lasciva e requebros efeminados.

Essas figuras sucedem-se em cena amiude e representando os mais diferentes caracteres de modo que, por vezes, não têm tempo de envergar a indumentaria correspondente, não raro luxtuosa.

De modo que, não raro para elucidação dos espectadores, é o proprio actor que ao entrar explica: Sou falano de tal e venho de tal parte...

A parte cenografica é tambem muito deficiente, primitiva.

Para dar uma ideia da prodigiosa quantidade de peças quasi todas anonimas que se representaram em troupes fixas e nomadas, basta dizer que em 1885, na preciosa colecção da companhia das Indias Orientais, havia 2000 volumes de dramas e comédias e alguns desses volumes continham 4 e 5!

A fechar, este periodo dum notavel sinologo e que é uma sintese do teatro chinês: «Os espectáculos teatraes são uma especie de fogos de artificio do espirito, que se não podem observar senão de noite e no mais completo silencio...»

J. de F.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

«Solteira ou Casada?» no teatro da Trindade

O teatro da Trindade deu-nos agora uma peça francesa, de um escritor de nome, Etienne Rey, que um fino espirito literario quis traduzir para o nosso idioma com os primores de linguagem que só uma intelligencia superior e um conhecimento tecnico teatral podiam ter produzido.

«Miche», traduzida por quem se esconde sob o pseudonimo de Jorge Deniz, é uma comedia leve, puramente francesa, abordando um tema para muitos reputado como imoral, mas que ao autor serviu de admiravel pretexto para compôr uma serie de cenas de bom dialogo, algumas bastante inverosimeis, onde o seu espirito e a graça se espraíram de forma a provocar do espectador o interesse e a boa disposição.

«Solteira ou Casada?» a comedia a que nos referimos vive do seu desempenho; e, digamo-lo com toda a franqueza: «Miche» tal qual foi apresentada no Trindade peca pela má distribuição dos seus personagens;

Erico Braga e Clemente Pinto, dois actores de categoria, estão trocados; o

que não impediu que Erico Braga nos desse uma superior interpretação de um notario provinciano, uma bela caricatura com minuciosos detalhes em todo o decorrer do seu desempenho.

Albertina de Oliveira está igualmente deslocada, embora se defenda muito correctamente da dama central que lhe entregaram.

Valham-nos, pela sua boa colocação, os papeis desempenhados por Lucilia Simões, Aura Abranches, Maria Salomé e Jorge Grave.

Lucilia Simões, dentro dum personagem a que o seu talento de grande actriz dá uma fidelidade absoluta.

Aura Abranches, com a frescura de uma perene mocidade, emprestou ao desempenho da sua «Micheline» toda a sua sensibilidade artistica.

Maria Salomé, provou que é uma actriz com que se pode contar, pelos seus predicados histrionicos e de bem saber vestir.

Jorge Grave compôs com estudo um porteiro italiano que bem se faz compreender no seu português arrevesado, quando sente a «untura» nas palmas das mãos.

Quanto a encenação, podemos considerá-la perfeita e cuidada no que respecta ás marcações de todos os personagens em cena, mas quanto ao conjunto ocorre-nos perguntar:

O movimento daquele hotel, cognominado de «Palace», restringe-se apenas ás pessoas que o autor entendeu serem necessarias ao desenrolar da sua peça?

E quanto aos cenarios e adornos, será que os grandes hotéis na Suíça tenham o seu «hall» tão modesto quanto aquele que os primeiro e segundo actos nos apresentam, embora de um gosto requintado?

Mas enfim... Vamos que a comedia «Solteira ou Casada» em cena no Trindade ainda é das peças que bem podem recomendar-se como de bom teatro.

A nós, em consciencia, não nos repugna fazê-lo.

G. DE S.

A revista «Pé Descalço» no Teatro Apolo

O velho teatro da rua da Palma reabriu as suas portas com uma nova revista intitulada «Pé Descalço».

Temos, portanto, mais uma revista como tantas outras que têm conseguido carreira sem se saber bem porquê, provando isso somente que ha publico para tudo, até mesmo para... ver revistas.

«Pé Descalço» deve ter sido escrita propositadamente para o teatro Apolo, porque quasi todos os seus numeros tendem a ferir a nota popular tão do agrado das plateias daquele teatro.

Os seus numeros de conjunto têm alegria e côr, destacando-se os do quadro «A flor da pele» que é deveras atraente e o de «Manhã de Gloria» que provocou uma quente salva de palmas: Entre os isolados, alguns há que conseguiram agradar, como o do «Rapaz das vacas» por Filomena Casado, e o do «Veterano», por Carlos Candeira que foram bisados; e a «Carta do emigrante», belos versos de Silva Tavares, ditos primorosamente por Henrique Alves.

A musica é bastante agradável ao ouvido tendo alguns numeros de bom sabor popular.

Lina Democl e Ema de Oliveira mantiveram, nos seus numeros, os creditos de que há muito gozam no teatro ligeiro.

Filomena Casado, além do numero a que acima nos referimos, teve ensejo de manifestar bem os seus varios predicados de elemento valioso no teatro de revista.

Elisa de Guisette, muito viva e exuberante.

Hortense Martins, muito graciosa; e Carmen Martins, dando nos seus recitativos a alma necessaria para provocar aplausos.

José David uma boa caricatura. Carlos Leal não tem ensejo de brilhar; mas ainda assim, deo quanto pôde para animar as cenas da revista.

Alegres cheios de côr e animados os bailados de Mafalda, Pietro, Mary e Trudel. Os restantes artistas auxilian-do o conjunto.

Cenarios limpos destacando-se o do primeiro quadro pela sua fidelidade, e a cortina pelo seu ineditismo.

Um espectáculo bom para as plateias do teatro Apolo que deve encher-se ainda por bastante tempo.

G. DE S.

KATE DE NAGY
a melhor ingenua alemã

FERNAND GRAVEY
o melhor galá francês

ERICH POMMER
o maior produtor europeu

WERNER R. HEYMANN
o mais celebre musico do cinema

LUDWIG BERGER
o celebre realizador austriaco

colaboraram na ultima cine-opereta da U.F.A.

Eu de dia e tu de noite
(A' moi le jour, à toi la nuit)

QUE A

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{da}

apresenta hoje, ás 15 e 30 e ás 21 e 30 no

CENTRAL

DIPERINOL
DA CORA BRILHANTE MOVEN OALHO
ETC. 20 CORE

NOVIDADES LITERARIAS

APARIÇÕES

(CONTOS)

A Revolução

da Ordem

(Estudo sobre o Fascismo)

POR

JOÃO AMEAL

TIVOLI

O celebre filme da FOX

CONGORILA

Dez mil milhas de emoção através os dominios do perigo e da morte!

A AFRICA SEM ROMANCE!

Em complemento

As mulheres dos medicos

com

Joan Bennett e Warner Baxter

Cine Gimnasio

Hoje—A's 21,30

Um programa alegre proprio — para esta quadra do ano — Uma impagavel farsa de grande metragem de Bucha e Estica

Laurel & Hardy em Marrocos

em que aqueles artistas tão queridos são impagaveis de graça

E uma comédia ligeira falada em espanhol

A ULTIMA NOITE

com Ernesto Vilches, Maria Alba e Conchita Montenegro

SOO

VIAGEM DE NUPCIAS

Um delicioso filme musical

com Brigitte Helm, Jacqueline Made, Pierre Brasseur e Albert Préjean

A MAIS SUGESTIVA AVENTURA DE AMOR

Admiraveis paisagens da ilha de Capri

CONDES

A grande criação de ALBERT PREJEAN

e ANNABELLA

UM FILHO DA AMERICA

SOO

VIAGEM DE NUPCIAS

Um delicioso filme musical

com Brigitte Helm, Jacqueline Made, Pierre Brasseur e Albert Préjean

A MAIS SUGESTIVA AVENTURA DE AMOR

Admiraveis paisagens da ilha de Capri

CONDES

A grande criação de ALBERT PREJEAN

e ANNABELLA

UM FILHO DA AMERICA

A CAMINHO DO ESTADO NOVO DO PORTO

(Continuação da 3.ª página)

um partido mas sim assegurar a estabilização da ordem social por maneira a permitir o desenvolvimento das actividades produtivas e fecundas sem as quais não pode haver nem riqueza nem progresso nacionais. Propomos, sim, fazer a politica nacional no alto conceito em que ella significa o trabalho honesto e desinteressado ao serviço do bem estar dos povos; e não a politica abastardada e viciosa das ambições individuais ou dos corrilhos partidarios posta ao serviço dos interesses de facção. Assim entendemos cumprir o dever que a Patria tem o direito de exigir a todos os portugueses.

«A União Nacional faz uma politica de dignificação da Republica» — exclama o sr. dr. Bissaia Barreto

Por ultimo, é concedida a palavra a ao sr. dr. Bissaia Barreto, da Commissão Central da União Nacional. O eminente professor, recebido com grandes aplausos, pronunciou o seguinte discurso:

«Eu desejo saudar na figura notavel do seu illustre presidente a Commissão Distrital da União Nacional, que acaba de tomar posse. O sr. dr. Duarte de Oliveira, professor muito distinto da nossa gloriosa Universidade, occupa nesta cidade um lugar de merecido relevo, já pelos numerosos serviços prestados, já porque á sua intelligencia forte, alta caracter sem mancha.

Verdadeiro português de outras eras, de alma grande e de coração aberto a todas as causas justas e intelligentes, falando sempre a linguagem da verdade, não podia, ser mais acertada a escolha para tão elevado cargo politico como é a presidencia da Commissão Distrital da União.

Dotado de grande poder de observação e de analyse, com profundo conhecimento do Mundo e dos homens, superabundam-lhe facultades para, realzando uma politica de selecção e de aliação trazer á actividade politica todos os portugueses que anem a sua terra, venham de onde vierem, uma vez que vejam nos principios politicos que presidem á construcção do Estado Novo Republicano a unica forma de conquistarmos um Portugal melhor.

Sem intolerancias, nem fanatismos, sem violencias, nem extremismos procuraremos prestigiar a Republica, porque, sem ella, não comprehendemos hoje o engrandecimento e a prosperidade da Nação.

A nossa Commissão Distrital irá trabalhar com «élan» e com alma na revolução patriótica, que é necessario operar para, vencendo os velhos preconceitos politicos, remodelando os habitos maus duma politica atrasada, fazer a educação do nosso povo, europeizalo e reintegra-lo em moldes modernos duma politica nova. Missão difficil e de grande responsabilidade é certo, mas querer é vencer. Querer com fé, ter uma vontade firme e decidida, ter uma fé inabalavel são armas que nos levam a uma victoria certa.

O Duce disse um dia que os grandes inconvenientes historicos não resultam de uma adição de numeros; são criados por uma vontade.

O nacionalismo republicano

Pois bem, tenhamos vontade; sem desalencamentos, sem desanimos, confiantes no triunfo da nossa cruzada, vamos intensificar, através do distrito, a obra de propaganda que hoje se inicia, transformando todos os obstaculos, todas as contrariedades, que se nos depararem, em fontes de energia e de coragem para prosseguirmos, sem cessar, na obra de evangelização politica que é preciso realizar. A nossa propaganda, o nosso trabalho, o nosso exemplo chegará a convencer, estou certo, os inimigos do Estado Novo, de que na nossa doutrina está o bem da Patria, visto que colocamos o interesse da nação acima do interesse do individuo.

Nisso está, digamos, o nosso nacionalismo republicano.

Meus senhores, um trabalho só é de rendimento util e certo, quando for metódico, disciplinado, bem ordenado. Seja um disciplinador portanto, da nossa acção; não esqueçamos esta ma-

xima italiana, que á nossa intelligencia se impõe: «o prestigio de uma nação no Mundo está na razão directa da disciplina interior, que essa nação observe».

Não esqueçamos que só pode bem comandar, quem bem soube obedecer.

Novos devem ser também os nossos processos de agir; a todos deve presidir o culto da verdade, o maior respeito pela verdade. Política de verdade lhe chamou o dr. Oliveira Salazar, o grande Reformador da arte de governar em Portugal. Sigamo-la com devoção, sigamo-la sem excitações, pelo respeito que devemos ter por nós próprios, pelo respeito que devemos ter pela nação.

Nenhum motivo de interesse, nenhuma razão de estado nos fará adoptar outra attitude.

Meus senhores, grande foi a crise por que passámos; as crises violentas são na maioria dos casos a morte dos temperamentos fracos.

As crises violentas em temperamentos fortes, quando estes sobrevivem deixam-nos imunes e com resistencia contra a doença. O triunfo sobre a doença é nesses casos mais um prova de força e de vitalidade do organismo.

Ora, a maior tempestade passou; a situação tem hoje um ambiente de simpatia e de confiança que será a garantia indiscutivel da sua sobrevida. Rasgam-se novos horizontes de renascimento e de grandeza, de força e de estabilidade que hão-de preparar um estado forte, disciplinado, e hierarquizado que tudo faça pela nação e nada contra a nação.

Meus senhores, ha na vida dos povos, como na vida dos individuos horas decisivas de que depende a sua vida e o seu futuro. Quem seria cedo ainda, amanhã seria já tarde. E' hoje que devemos deitar mãos á obra com o nosso coração cheio de fé numa Republica enobrecida, cheio de esperança num Portugal melhor.

Melhores orientadores não poderia ter: o illustre presidente da Commissão Distrital da União Nacional de que lhes falei, o illustre governador civil sr. dr. Moura Velas, que, com a sua intelligencia a sua ponderação, o seu tacto politico, orientados por um devotado nacionalismo tem realizado uma tão notavel obra de pacificação. Que cada um de nós saiba cumprir o seu dever; em nossas mãos está o poderemos provar ao Mundo que somos capazes de aumentar as paginas brilhantes da nossa historia».

E, entre entusiasticas aclamações, ao Chefe do Estado, Presidente do Ministerio, Governo, Ditadura, Estado Novo, Patria e Republica, foi o auto da posse assinado e, assim, encerrada a sessão.

A assistencia

Damos a seguir a nota da assistencia:

Dr. José Alberto dos Reis, professor da Faculdade de Direito; dr. Moraes Sarmento, professor da Faculdade de Medicina; dr. João Bacelar, dr. Antonio Cabral, juiz de Investigaçao Criminal; dr. Borges Sardinha, secretario do Tribunal do Commercio; comandante da Policia, tenente Sergio Vieira; governador civil substituto; capitão Pereira Leite; José Moreira; Gomes da Silva; tenente Carreira, tenente Mendes Machado Folgado Dias, Carmo, Paulo Afonso, dr. Sanches de Moraes, dr. Antonio Sotero, Coelho Sobral, Francisco dos Santos Neto, Dias de Andrade, Luiz Morais, José Cintino, João Constantino, Vieira de Matos, Manuel da Costa, José Varela, Luiz de Andrade, Eugenio de Mascarenhas, Seabra Falcão, Eduardo Costa, Antonio Gaito, Eduardo dos Santos, Fausto Lobo, Sales Guedes, José Jardim, Alberto Malafra, Santos Silva, Rui Nogueira Ramos, Eugenio de Mascarenhas, Mario Matos, Lobo da Costa e Vaz Pato, Saul da Cunha e Silva, Fernandes Mendes, Antonio Cruz, Armando Boaventura, Francisco Lopes Fernandes, José Dias, José Rodrigues Fontes, João Serra.

Luiz Magalhães Lemos, Armando da Costa Neves, Moura Marques, Francisco Mendes da Silva, José Correia Amado, Augusto Luiz Mata, Francisco Alves Madeira, Abai da Costa Gaito, José Teles Corte Real, Antonio Bastos Jorge, Aderito de Freitas, Alfredo de Figueiredo, José Nunes de Jesus, Joaquim Gouveia, padre Cesar Simões, Artur Gomes, Antero Pais, Francisco de Aguiar, Antonio Braz, Adriano da Cunha e

A I Exposição Colonial realizar-se-á no Palacio de Cristal

A realização nesta cidade da I Exposição Colonial, a efectivar no proximo ano, causou grande regosijo nesta cidade. O «Movimento Pró-Colónias», patriótico organismo que bem merece de todos os portugueses, está de parabéns. E está-o a cidade do Porto. A efectivação desse certame era umas das aspirações do Movimento — a sua aspiração mais alta.

E é ponto assente — que assim o deixou sub-entender o illustre Agente Geral das Colónias — que ele se realize no Palacio de Cristal. O vasto edificio está claramente indicado para a instalação do grandioso certame, destinado a atrair as atenções de Portugal de Aquem e de Alem Mar — do Portugal Imperio.

A primeira pedra do Palacio de Cristal foi lançada, solenemente, por D. Pedro V, que se fizera acompanhar do Infante D. João, seu irmão, em 3 de Setembro de 1861. Quatro anos depois (18 de Setembro de 1865) era festivamente inaugurado. Assistiram ás festas — que celebravam, também a abertura da grande Exposição Industrial — D. Luiz I, sua Esposa, e os Infantes D. Augusto e D. Fernando.

Desde aí o Palacio de Cristal tem sido teatro de acontecimentos notaveis para o Porto e para a Cidade — o que vale dizer, para o País.

A I Exposição Colonial estará ali «como em casa propria». Alem dos requisitos indispensaveis — e ha a levar em conta a vastidão das suas instalações, da sua nave-central que pode comportar milhares e milhares de pessoas — alem dos requisitos indispensaveis, possui o Palacio um nobre ambiente, onde fulge a poalha doirada das tradições patrióticas.

Bem escolhido foi, assim, o Palacio de Cristal.

A acção do Commissariado do Desemprego

PORTO, 8. — A acção do Commissariado do Desemprego — ins-

Silva, João Ribeiro de Melo, José Marques e Antonio Corte Real, Guilherme Augusto Melo, Carlos Dias Cortezão, Ernesto de Melo, João Avelino Cortezão, Alexandre Cortezão, Joaquim Henrique da Cunha, José Maria dos Santos, José Monteiro da Costa, Lopes de Almeida, Gomes de Almeida, Antonio Vaz, José Martinho, José Alves Denis, Francisco Gomes, Martinho de Brito, padre João Gomes Pinto, José Placido, João Costa, José Maria Ferrão, José Simões Lameiro, José dos Santos Reis, José Camilo, Eduardo Negrão, Manuel Lopes Godinho, Manuel Alves Gomes, João Neto, Tristão Bacelar, José Maria dos Santos, José Ferreira de Matos, Abilio Fernandes e Ernesto Loureiro.

Albano da Rocha Deniz, Raul Pessoa dos Santos, Aires Barata Junior, José Pereira Pinto, José Soares Marques, Guilherme Augusto da Silva Melo, Carlos de Oliveira Gonçalves, Adriano da Silva, Bernardo Baptista Ferreira, João Ribeiro de Melo, Fernando Dias de Andrade, Adriano Canato; José Martinho, Antonio Vaz, Carlos Pavão de Medeiros, Antonio Rodrigues Saraiva, José de Castro Alves Denis, José Pereira Seneido, Emilio José dos Santos Vale, Paulo Felipe, Mario Barreto; Manuel Mendes dos Santos, Aderito de Freitas Costa e Araujo, Antonio Pires Martinho de Brito, Firmino Domingues, Francisco Alves Madeira Junior, João Simões, Francisco Lopes Fernandes, Manuel dos Santos Freitas, João Serra, Alipio de Oliveira Leite, Henrique Pinto e Cunha, Alberto Augusto da Silva, Luis Gomes da Silva, José Fernandes, Manuel Lopes Godinho, Antonio Mendes Machado, Saul da Cunha e Silva, administrador delegado do «Diario de Coimbra, etc. etc.

Entre a assistencia viam-se ainda os representantes de comissões concelhias do distrito, Camaras Municipais, administradores dos concelhos, etc.

talado há 3 ou 4 dias apenas — iniciou-se promissoramente; e, com ella, o ambiente criado pela situação dos desempregados modificou-se por completo. Vai trabalhar-se! E os «derrotistas»... conscientes sentem-se já incapazes da consabida «especulação»...

A «politica da verdade» que a Ditadura implantou no País vai apagando aquella que, firmando apenas na «intenção» dos programas — «words! words!» — era, no capitulo das «realizações», letra absolutamente morta...

A politica nova, dispondo-se a andar pelo seu pé, dispensa «muletas». Como haviam os «côxos» de perdoar-lhe?

O Commissariado, superiormente dirigido pelo sr. engenheiro Antonio Bernardo Ferreira, — cujo nome vale um atestado de honradez — iniciou a sua obra; e desse primeiro passo, dado sem hesitações, resultou a colocação de dezenas de desempregados. São dezenas de familias a quem está assegurado, desde já, o pão de cada dia. Mas isto, sendo muito, é apenas o primeiro passo. O Commissariado, em intima colaboração com os srs. governador civil do distrito e com o presidente da Camara, trabalha afanosamente — e revelam esse afan as notas officiosas que tem feito publicar, dia a dia, nos jornais da cidade — no sentido de garantir, no mais curto espaço de tempo, occupação aos desocupados.

Consegui-lo-á! Dentro em pouco iniciar-se-á a construcção de um sem-numero de casas economicas; e isso dará que fazer a milhares e milhares de individuos.

Entrou-se, assim, e resolutamente, no capitulo das realizações; e essa «certeza» está causando nesta cidade uma impressão consoladora.

Camara Municipal

Reuniu a Commissão Administrativa da Camara Municipal do Porto sob a presidencia do coronel medico sr. dr. Sousa Rosa, sendo apresentadas e aprovadas as seguintes propostas:

Acusações infundadas — Apraz-me comunicar a V. Ex.ª que da sindicancia que há dois anos por determinação de V. Ex.ª vinha fazendo a 3.ª Repartição, em virtude de uma serie de acusações que o ex-funcionario desta Repartição, engenheiro Corte Real fazia a alguns funcionarios da mesma e ao seu chefe-engenheiro, Monteiro de Andrade, nada se provou contra os funcionarios acusados.

Antes pelo contrario se provou a honestidade, zelo, assiduidade e qualidades de direcção que ornaram os funcionarios da 3.ª Repartição que o engenheiro Corte Real pretendia atingir e principalmente o seu chefe Monteiro de Andrade. Faça esta declaração a V. Ex.ª para que publicamente se saibam os resultados dessa sindicancia».

Colonia dr. Manuel Laranjeira — «Estando vaga a casa n.º 84 da Colonia dr. Manuel Laranjeira e havendo necessidade de demolir imediatamente os casebres já expropriados da ilha da rua do Moreira n.ºs 60 a 78; proponho que aquella referida casa seja cedida a Antonia Machado actual inquilina da casa n.º 22 da citada ilha».

Processos varios — «Submetto á apreciação da Camara, 80 processos devidamente informados pela 3.ª Repartição — Engenharia — para construir predios, ampliação e reparação de predios, construcção de jazigos, vedação de terrenos e outros assuntos».

Reparações escolares — «Havendo necessidade de proceder a obras de reparação nas escolas infantis n.ºs 4 e 6 e nas escolas primarias n.º 10, 30 e 62;

Proponho que ellas sejam executadas pela 3.ª Repartição, e de harmonia com as estimativas feitas pela mesma, num total de 2.270\$000».

Processo disciplinar — «Por proposta do sr. Ribeiro Macario, foi castigado com 69 dias de suspensão o sr. Carlos Dubini, professor do Conservatorio de Musica, a quem foi instaurado processo disciplinar».

A Camara e a Carris — Por proposta do sr. presidente, foi resolvido recorrer da sentença proferida na Auditoria Administrativa, e referente á

demanda entre a Companhia Carris e o Municipio do Porto.

Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão.

Juventude Catolica do Porto

Com um programa deveras interessante e bem organizado, realizou-se hoje pelas 21 horas, no salão de festas desta colectividade, uma festa infantil em honra da Sagrada Familia.

Nela tomaram parte muitas crianças que recitaram lindas poesias, completando o programa varios numeros de musica.

Exposição Colonial do Porto no ano de 1934

No rapido da tarde seguiram para Lisboa, os srs. tenente-coronel Garcez de Lencastre, agente geral das Colónias e Mimoso Moreira, secretario geral, que estiveram nesta cidade a tratar da organização do importante certame.

Na estação de S. Bento aqueles senhores tiveram uma affectuosa despedida da parte de todos os representantes dos organismos economicos desta cidade que ali acorreram á sua partida.

Movimento Maritimo

Na barra do Douro entraram os vapores inglés: «Palmella» de Hull, italiano «Triton Maris», de Lisboa; português «San Miguel», de Hamburgo por Leixões, e o lugre motor português «Fayal», de Londres, todos com carga diversa.

Sairam os vapores português «Catalina», para Viana do Castelo e inglés «Darino», para Londres ambos com carga diversa.

No porto de Leixões não houve entradas. Saiu o hiate português «Afonso», para Sevilha, com sucata.

CARTAZ DE ESPECTACULOS DIA 9

Teatro Sá da Bandeira — «Miss Diable».
Teatro Carlos Alberto — «A Viela dos Gatos».
Teatro Rivoli — «Que Viuva» e «A Estrangeira».
S. João Cine — «A Leste da Ilha de Borneo».
Salão Jardim da Trindade — «Mata-Haria».
Salão Olimpia — «A Mulher X».
Salão da Batalha — «Era uma vez uma valsa» e «Chantage».

Hotel Internacional ROSSIO

Óptimos aposentos — — —
— — — mesa esmerada

Grande Exposição Industrial Portuguesa

Prossseguiu, ontem, com grande concorrência, e continua hoje o leilão dos produtos oferecidos pelos expositores a favor da Beneficencia publica

Prossseguiu ontem no «hall» do Palacio das Industrias do Parque Eduardo VII o leilão dos produtos oferecidos á Beneficencia pelos expositores da Grande Exposição Industrial Portuguesa.

A almoeda começou ás 15 horas e com tal concorrência de licitantes, apesar da multidão que affluí a inauguração do Monumento comemorativo da Guerra Peninsular, que o adjunto geral da Exposição, sr. major Melo Vieira, teve de pedir á esquadra do Rato uma força de Policia para manter a ordem no local.

Das 13 ás 19 horas não houve mãos a medir, só tendo apenas sido possível vender 16 lotes, dos 35 que existiam.

Como se sabe, os objectos agora postos em almoeda no Parque Eduardo VII foram sorteados pela lotaria de 3 de Dezembro ultimo, mas os contemplados não os levantaram.

O leilão continua hoje ás 13 horas, e não só pela quantidade de artigos que nele se podem adquirir, como pelo fim benemerente a que se destinam e de esperar grande affluencia de publico.

O «DIARIO DA MANHA» — vende-se em Tomar — — NA SUA SUCCURSAL

ULTIMA HORA

A catastrophe do «L'Atlantique»

Foram entregues os relatórios dos comandantes dos rebocadores

CHERBURGO, 8.—Foram entregues no Tribunal do Comercio os relatórios dos comandantes dos rebocadores «Roodesee» e «Simson» que cooperaram nos trabalhos de salvamento do casco do «L'Atlantique».

Esses relatórios referem todos os incidentes que se deram durante a operação.

O comandante holandês menciona no seu relatório os agradecimentos do capitão Schoofs. O comandante alemão explica que não seguiu as instruções do «Minotaure» e do «Pollux» porque ele unicamente recebia ordens do comandante do «Roodesee» que era o unico que lhe podia dar. *Havas.*

O casco ficará hoje encailhado na enseada

CHERBURGO, 8.—A comissão de inquerito vinda de Paris examinou os relatórios estabelecidos pela inscrição marítima sobre a catastrophe do «L'Atlantique».

Visitou depois o casco do paquete que será amanhã encailhado na grande enseada. *Havas.*

Cadaveres carbonizados...

PARIS, 8.—Dentro do casco do «L'Atlantique» encontraram-se quatro cadaveres carbonizados. *Havas.*

... identificados

CHERBURGO, 8.—Foram identificados dois cadaveres encontrados no «L'Atlantique»: um é o de Millet e outro de Lerroux, ambos fogueiros. *Havas.*

Outro curto-circuito a bordo do «France»?

HAVRE, 8.—A's 3 horas de hoje, produziu-se um incendio a bordo do transatlantico «France», que está em reparações.

Graças à rápida intervenção do pessoal de bordo e dos bombeiros do Havre, o incendio estava dominado ás 5 horas.

Não houve vítimas. Prejuizos materiais limitam-se a um camarote de 1.ª classe, que ficou bastante danificado.

Parece que a origem do incendio foi um curto-circuito. *Havas.*

Manifestação de protesto em Londres

LONDRES, 8.—Realizou-se hoje uma grande manifestação no Trafalgar Square. Esta manifestação era de protesto contra a prisão do celebre agitador Tom Mann.

Depois de varios oradores terem discursado, os manifestantes dispersaram em boa ordem acompanhados pela policia.

Não se deu nenhum incidente durante a manifestação. *Havas.*

DESPORTO

Devido á falta de espaço fomos obrigados a retirar a nossa habitual secção desportiva, dando apenas os resultados finais das provas efectuadas ontem:

Benfica, 3—Barreirense, 0.
Sporting, 0—Casa Pia, 0.
União, 2—Carcavelinhos, 0.
Belenenses, 4—Chelas, 1.
Sacavenense, 3—Luso, 1.

Coimbra, 1—Porto, 1.

Qual o melhor de todos?

O Azeite extra «PORTAS DE RODAM»

Em bilhas seladas. A' venda nas boas mercearias

DEPOSITARIOS: RODRIGUES, (IRMAOS) & C.ª

Rua dos Bacalhoeiros, 92

TELEFONE 2 0504

OS VINHOS «COLARES SAMORA»

obtiveram na Grande Exposição Industrial do Parque Eduardo VII

A maior classificação: Membro de Juri

Pedidos ao telefone NORTE 886

O TERRORISMO EM BARCELONA

Rebentou um movimento extremista, encontrando-se a cidade sob a acção de um violento tiroteio

A séde do comando da policia atacada á bomba

BARCELONA, 8.—A's 8 horas da noite rebentou um movimento de carácter revolucionario, de que as autoridades tiveram conhecimento ás primeiras horas da tarde, tendo, por isso, desde logo, tomado grandes precauções.

A's 8 da noite varias forças de assalto dirigiram-se á Calle Nueva onde está instalado um Sindicato. Ali estavam reunidos varios elementos extremistas com ferrovios. Ao entrar a Policia fizeram contra ela uma descarga cerrada, a que a Policia ripostou de identica forma. Neste momento, das esquinas proximas do Sindicato e de alguns telhados de predios contiguos, começou um nutrido fogo contra os guardas. Chegou nesse momento um taximetro com dois individuos que foram presos, tendo-lhes sido apreendidas uma bomba a cada um.

Os primeiros mortos

Da primeira descarga, deniro do Sindicato, ficaram mortos o guarda de assalto José Minguez, o civil Francisco Haro e uma mulher que ainda não foi reconhecida. Uma rapariga ficou com as pernas atravessadas por varias balas.

A' mesma hora, na «barriada» de El Clot travou-se tiroteio entre a Policia e um grupo de revolucionarios, ficando morto um «mozo de escuadra» e feridos gravemente um sargento da Guarda Civil e 2 civis.

Tiroteio nas barreiras da cidade

Desde as 9 da noite, ouve-se nutrido tiroteio nas barreiras da cidade, ignorando-se o que se passa, pois não há «taxis» nem electricos.

A's 9 e meia passaram por diante do comando da Policia dois individuos que lançaram uma bomba que destróçou as pernas a um guarda de assalto e feriu o motorista e o ajudante do automovel do chefe da Policia.

Desde as 6 da tarde, todos os automoveis que passavam pelo centro da cidade eram revistados e os seus ocupantes eram obrigados a mostrar os documentos comprovativos da sua identidade.

Parece que foram encontradas nestas ultimas horas muitas bombas.

A circulação é nula em toda a cidade; as ruas estão desertas. *United Press.*

AVIAÇÃO

INTERCAMBIO INTELECTUAL FRANCO-PORTUGUES

Uma biblioteca de cultura francesa

foi organizada em Lisboa

O Instituto Francês em Portugal, que tem a sua sede na Universidade de Toulouse, acaba de organizar uma biblioteca que provisoriamente, estará instalada na rua do Tejolo, 25.

Essa biblioteca que possui já uma colecção consideravel de obras eruditas e de literatura corrente, além de grande numero de revistas, funcionará para consulta e para emprestimo aos domicilios.

Estará aberta a partir de amanhã, ás terças, quintas e sabados, das 17,30 ás 19 horas.

Em Alter do Chão

Uma manifestação á Camera Municipal

ALTER DO CHÃO, 8.—(Pelo telefone)—Realizou-se hoje nesta importante localidade alentejana, uma imponente manifestação do povo desta vila á comissão administrativa da Camera Municipal, vitorioso o sr. general Oscar Carmona, prestigioso chefe do Estado, o Governo da Ditadura e o governador civil do distrito, tendo a seguir o povo debandado entusiasticamente e ordeiramente.

O numero dos manifestantes elevava-se a 4.000 pessoas. *C.*

Direcção de Faroos

Foi nomeado chefe da secção de Aluminiamento Continental e Insular da Direcção dos Faroos o capitão-tenente sr. Humberto dos Santos Leitão.

Serviços de colonização de Angola

Foi nomeado inspector administrativo o chefe dos serviços de colonização de Angola, adido, sr. João Pereira Barbosa.

Comarua de Nova Lisboa

Deve ainda este mês começar a funcionar a comarua de Nova Lisboa, transferida para ali de Delatando.

O Governo romeno apresentou a demissão

BUCAREST, 8.—Em virtude do Rei ter recusado demittir das suas funções o perfeito da policia de Bucarest e o comandante da gendarmeria, conforme tinha sido pedido pelo ministro do Interior, este pediu a sua demissão. Como, porém, todo o gabinete se solidarizou com o ministro do Interior, foi declarada a crise ministerial. *Havas.*

Banco da Italia

ROMA, 8.—O Banco da Italia reduziu a sua taxa de desconto de cinco para quatro por cento. *Havas.*

Auxilio a os desempregados

LONDRES, 8.—O redactor politico do semanario trabalhista «People» anuncia que vai fazer-se uma transformação radical na actual organização de auxilio a os desempregados.

O novo projecto será apresentado no parlamento nos primeiros dias logo depois de recomecem as sessões, e parece que será votado antes do fim do mês de Março. *Havas.*

A libertação de Gandhi

BOMBAIM, 8.—Em virtude de Gandhi se ter recusado a abandonar a sua politica de resistencia passiva, parece que a sua libertação foi adiada. *Havas.*

PIANOS AUTOMATICOS

De 1.ª classe. Casa especializada nestes instrumentos.

JANUARIO NUNES

Rua dos Retrozeiros, 108, 110

ALUGA-SE

Sala espaçosa, no melhor local do Porto, servindo muito especialmente para consultorio medico ou escriptorio de advogado.

Falar na Delegação deste jornal no Porto, Avenida dos Aliados, 43-1.º

Política francesa

Reformas administrativas com a colaboração do sindicalismo

PARIS, 8.—Num discurso que pronunciou em Saint-Aignan (Loire et Cher) numa reunião dos antigos combatentes, Paul Boncour anunciou que iam ser realizadas profundas reformas administrativas e que essas reformas seriam levadas a efeito com a colaboração do sindicalismo que deve ser francamente associado á direcção e ás responsabilidades do Estado. *Havas.*

Relatorio sobre a situação orçamental

PARIS, 8.—A comissão dos tecnicos encarregada de estudar a situação orçamental entregou a Cheron o seu relatório, que será examinado na proxima terça-feira no conselho de ministros, que depois estabelecerá em grandes linhas a reforma financeira. *Havas.*

O problema dos trigos

PARIS, 8.—O ministro da Agricultura fez uma exposição no conselho de ministros sobre o problema dos trigos, demonstrando que a situação era absolutamente sã e que o mercado francês estava protegido contra o excesso da produção mundial. *Havas.*

Exposição de Marselha

MARSELHA, 8.—Artaud, ex-deputado e ex-comissario da exposição colonial que se realizou em Marselha em 1922, instituiu uma comissão de estudos com o fim de preparar o projecto da exposição nacional, colonial e marítima. Esta comissão aprovou o voto a favor da exposição colonial ser inaugurada em Marselha em 1936. *Havas.*

Contrabando de opio

MARSELHA, 8.—As autoridades alfandegarias apreenderam a bordo do vapor «Pierre Loti», chegado ontem a este porto, cerca de mil quilos de opio, que, julga-se, foram embarcados em Stambul. Foi aberto um inquerito. *Havas.*

O Estatuto da Galiza

Cazares Quiroga é seu partidario mas acha prematuro o plebiscito

MADRID, 8.—A comissão organizadora do Estatuto galaico publicou em Vigo uma nota, na qual faz observar que o facto de algumas comunas da Galiza terem votado contra o projecto da autonomia, na assembleia das municipalidades, não deve alarmar ninguém, porque a maioria absoluta das comunas aceitou o projecto.

A mesma comissão anuncia que recebeu uma carta de jovens galegos residentes em Lisboa, pedindo instruções para organizar nos meios galegos de Portugal uma campanha a favor do Estatuto.

Além disso, pediu-se ao ministro do Interior que autorize um plebiscito entre os eleitores da Galiza, para se pronunciarem sobre a aceitação ou recusa desse documento.

Falando sobre o assunto, Cazares Quiroga declarou: «Sou galego e ninguém mais do que eu pode ser favoravel ao projecto do Estatuto. Posso afirmar que, enquanto for ministro, a Galiza está autorizada a realizar o plebiscito, mas entendo que não deve fazer-se nesta ocasião, visto que o recenseamento eleitoral não está ainda completamente terminado.

O deputado Luiz Belo, ocupando-se igualmente do Estatuto, num artigo que publicou no jornal «Luz», diz que é necessario preparar a Espanha para que seja votado o projecto da autonomia galaica. *Havas.*

Em Teneriffe foi encerrada a sede da Confederação do Trabalho

MADRID, 8.—Informam de Teneriffe ao jornal «El Sol» que em consequencia de desordens motivadas pelos grevistas o governador mandou encerrar a sede da Confederação do Trabalho e prendeu os dirigentes do sindicato. *Havas.*